A Arte do Terror

Volume 3



Elemental Editoração

apresenta

A Arte do Terror

Volume 3

Edição Digital
© 2016

A Arte do Terror

Volume 3

Fernando Creed
Morphine Epiphany
Alfredo Josè Durante
Iolanda Pinheiro
Carlos Henrique Fernandes Gomes
Jana Nascimento
Ronaldo Costa
Larissa Prado
Eric Sales
Faby Crystall
Donnefar Skedar

1ª Edição
ISBN: 9781370406951
Elemental Editoração © 2016

Ficha do Livro

Vários autores,
A Arte do Terror – Volume 3
Edição do Autor
Copyright dos contos © 2016
ISBN: 9781370406951
Capa: Elemental Editoração
Imagem da capa: ComFreak
Diagramação e Edição: Elemental Editoração
Revisão: Carlos Henrique Fernandes Gomes
Organizadores: Donnefar Skedar, Faby Crystall e Carlos Henrique Fernandes Gomes
Finalização: Donnefar Skedar

1. Coletânea 2. Conto 3. Português 4. Horror
1. Título 2. Livro Digital 3, Coleção

Todos os direitos desta obra se reservam somente ao autor, qualquer forma de reprodução não autorizada por expresso pelo autor, será considerada crime conforme previsto na lei dos direitos autorais.

Sumário

FICHA DO LIVRO
APRESENTAÇÃO
ADVERTÊNCIA
PRÓLOGO
NOTURNA
(Ronaldo Costa)
EUPHORYA
(Morphine Epiphany)
O BLOQUEIO
(Faby Crystall)
MEU MELHOR AMIGO
(Eric Sales)
CIDADES FANTASMAS
(Fernando Creed)
VENDAVAL DA MORTE
(Carlos Henrique Fernandes Gomes e Iolanda Pinheiro)
PANDEMONIO
(Jana Nascimento)
HORROR NEWS
(Alfredo Josè Durante)
UM ESTRANHO DEPOIMENTO
(Larissa Prado)
PEQUENO SONHO MEU
(Donnefar Skedar)
OS AUTORES – (Biografias)

Apresentação

Epidemia

Em menos de um ano o País está relatando em seus Estados, inúmeros casos de epidemias das mais diversas categorias. Muitos são os relatos de pessoas e organizações sobre os casos. Já começa a se falar no Apocalipse ou Teoria da Conspiração.

O fato é que em cada lugar está ocorrendo casos variados de epidemias onde a busca por resposta está se tornando a missão de poucos que lutam para descobrir o que está acontecendo com esses lugares e pessoas.

De São Paulo ao Rio de janeiro, de Bahia ao Ceará. O país inteiro está com alguma cidade infectada e ninguém sabe onde isso vai parar.

Antes que se espalhe para outros países, antes que chegue no seu Estado ou Cidade, é bom conhecer um pouco mais sobre essas Epidemias com esses casos não tão isolados.

Uma febre que mata em menos de duas horas, uma doença que transmuta o corpo deixando o ser com uma aparência horripilante. Surtos psicóticos, fanatismo a religião. Aparições e ocorrências sobrenaturais. Relatos de ocultismos, um pouco de tudo poderá ser encontrado em vários lugares.

O governo nega ter conhecimento das origens, mas há quem conta esses casos por ter presenciado o caos.

Seja bem-vindo a selva das epidemias!

Donnefar Skedar

ADVERTÊNCIA

Os textos a seguir são de cunho fictício, nenhum dos dados informados ou nomes apresentados são reais.

Qualquer semelhança com alguém ou fato é mera coincidência.

Todos os autores criaram textos para o entretenimento do leitor não estando os mesmos envolvidos nas questões apresentadas.

Respeitamos todas as raças, crenças ou religiões.

Pede-se cautela ao folhear as páginas, pois todos os textos contem palavreados fortes e descreve ações que puderam ser fortes para alguns leitores.

Ao iniciar sua leitura, esteja ciente do que poderá encontrar em questão de palavreado e frases fortes, estes são contos de Terror e não textos infantis, por gentileza não usar os campos de comentários para dizer que existem palavras ou frases ofensivas uma vez que usamos deste aviso para alertar aos leitores.

PRÓLOGO

“ ...é a peste!
Corpo coberto de feridas,
Olhos vermelhos ardem como se tivesse colocado pimenta,
Já não tenho cabelos, agora, mas parecem penugens,
Não consigo, andar,
Estou deixando o meu registro, para que saibam o que se abateu
Por todo o mundo!
Assim como dizia as sagradas escrituras,
Toda pestilência, caiu sobre nós!
Tudo começou com uma vacina, pensava-se ser a cura da AIDS
Mas, alguma coisa deu errado!
Estamos definhando, dia após dia
A fase mais aguda da epidemia é transpirar sangue pelos poros,
Daí para a morte é questão de horas,
Queria ter dito a minha família o quanto os amava,
Queria ter aproveitado mais a vida,
Queria ter amado, sem me preocupar com o dia de amanhã,
Porque o que ganhei, foi a mais dolorosa e agonizante espera,
À espera da morte! ”

Faby Crystall

Noturna

Ronaldo Costa

A imagem tremulante da moto vindo pela estrada asfaltada, como numa cena de comercial antigo de cigarros, poderia ser vista à distância naquele trecho. Seu ronco potente também poderia ter sido notado bem antes.

Poderia.... Mas parecia não haver ninguém para ouvir ou ver a moto ali. Exceto os dementados ainda vivos, caso restasse algum na cidade; só que naquele horário não lhe fariam mal algum.

Maurício pilotava a grande BMW azul que pegara nas ruas de Curitiba na noite passada, por sorte com bastante gasolina no tanque. Enquanto vinha de Curitiba a São Paulo, pela rodovia Régis Bittencourt, ele pensou todo o tempo sobre a praga que assolara grande parte do país e em poucos dias transformara a todos em criaturas estranhas. Sabia que os primeiros casos ocorreram em São Paulo, na capital. Lembrava de ter visto algo nas redes sociais, mas não deu muita atenção, até que começaram os relatos na grande mídia e a propagação da doença, que chamavam de Noturna, alcançou o Paraná.

O nome era devido aos sintomas: durante o dia as vítimas ficavam catatônicas, pareciam mortas. Mas à noite, se comportavam como bestas ferozes, atacando quem estivesse por perto. Quem era atacado, se sobrevivesse, desenvolvia os sintomas em questão de horas. Tentaram isolar os primeiros contaminados no hospital universitário da USP, mas eles escaparam. Em poucos dias a coisa se alastrou da capital de São Paulo para cidades vizinhas, daí para outras, numa progressão geométrica veloz e incontrolável, pois cada infectado contaminava diversas vítimas antes de ser capturado ou abatido. Sim.... As pessoas entraram em pânico e matavam os dementados quando conseguiam, pois, são criaturas muito fortes e ferozes. Também ouviu chamarem-nos de vampiros, já que mostram um apetite incomum por sangue. Por isso geralmente atacam suas vítimas no pescoço, mas mordem qualquer parte do corpo que alcançarem. Corpos semidevorados foram deixados por toda parte e Maurício viu muitos no caminho.

Parecia que tudo isso acontecera há muito tempo, mas fazia poucas semanas que não existiam mais transmissões na TV, nem internet ou rádios em funcionamento. No trajeto de Curitiba até São Paulo ele não encontrou sobreviventes. Maurício venceu os aproximadamente 400 km de estrada que separam Curitiba daquele ponto onde estava, já bem próximo da capital paulista, em cerca de quatro horas. Se Curitiba estava tomada pelos dementados e São Paulo era o marco zero, que sentido fazia seguir até lá? — Era esse o pensamento de seu pai. No fundo, Maurício sabia apenas que seguia seu instinto...

Um estampido repentino tirou-o de seus devaneios. Um instante depois sentiu a pele da panturrilha queimar e perdeu o equilíbrio do veículo, que ziguezagueou para a vala gramada que dividia a rodovia. Percebendo que não conseguiria segurar o peso da BMW, o rapaz se jogou no gramado enquanto a moto avançou oscilando mais um pouco e caiu ruidosamente na calha de concreto ao centro da vala, rugindo o motor como se reclamasse do imprevisto.

Por um segundo Maurício pensou que seria morto pelo próximo disparo, mas ele não veio. Foi até a moto e constatou que o pneu traseiro estava definitivamente inutilizado. Olhou ao redor à procura do atirador, mas o que viu o deixou desconcertado.

— Parado aí!!! — Gritou a pessoa com a espingarda. — Não se mova ou eu atiro pra valer dessa vez!

Maurício colocou as mãos atrás da cabeça e ficou imóvel, olhando para a garota que, não fosse a arma em suas mãos, parecia uma adolescente delicada demais para oferecer algum perigo.

— Quem é você? — Perguntou a garota, ainda com a arma apontada para Maurício. — E vem de onde?

— Meu nome é Maurício. Tô vindo de Curitiba, fugindo daquelas coisas...

— Tá correndo em círculos, coelhinho... aquelas coisas estão em toda parte já. Mas é bom ver uma pessoa que não tem os olhos vidrados e a boca escancarada pra me morder.

— Também acho... foi só o que eu vi noite passada... E você, quem é?

— Prazer, Maurício. Pode me chamar de Cora. Está com fome? — Disse Coralina, atirando para o rapaz um saco de papel pardo. — O sanduiche aí dentro é de mussarela e pão francês velho. Não tem presunto porque o que eu encontrei já estava estragando. Mas dá pra enganar.

Coralina abaixou a espingarda e foi olhar a moto, enquanto Maurício olhava com ar de suspeita o lanche oferecido.

— Não entendo nada de motos, mas essa é bonita... é sua?

— Não. Peguei na rua em Curitiba ontem à noite.

— Desculpe ter estragado ela. Parece que não vai dar pra consertar isso aqui.

— Não faz mal, acho que dá pra encontrar outra coisa pra dirigir por aqui e talvez um carro seria até melhor. Pior seria se você tivesse acertado o tiro em mim... quer dizer, acertado pra valer — Sentado no gramado, Maurício examinou o arranhão da bala na perna, que ainda ardia, mas não havia sido grave.

— Não acertei porque não quis. — Coralina fez uma careta — Meu pai era policial e me ensinou a usar armas muito bem. O tiro foi só de aviso mesmo.

Saíram a pé em direção ao centro da cidade. Maurício comentou que já havia ouvido falar de Embu das Artes e tinha curiosidade de conhecer o lugar, mas não imaginou que seria daquela forma. Desde a rua em que entraram, próxima a uma escola chamada Maria Auxiliadora, até a praça central, onde antes acontecia aos fins de semana a famosa feira de artesanato que deu o sobrenome "das Artes" à cidade, o cenário era

desolador e tétrico. O cheiro dos cadáveres espalhados pelas ruas era nauseante e o aspecto dos corpos, aterrador. Muitos estavam destroçados, com as vísceras esparramadas no chão. Cora se mantinha atenta ao menor ruído e interrompia o relato de Maurício sobre Curitiba com frequência. O grande estacionamento de um supermercado estava forrado de urubus bicando os corpos ali caídos, uma cena impressionante.

Embu das Artes foi devastada pela epidemia logo nos primeiros dias, devido à proximidade com o marco zero, a USP. Pelo que Coralina constatou enquanto ainda tinha acesso à internet, a situação piorou muito rápido e não havia esperança de que o resto do país estivesse muito melhor do que ali. Depois, foi o silêncio, até a chegada de Maurício. Isto lhe dava esperança de encontrar outras pessoas vivas e saudáveis, sobreviventes daquele holocausto.

— Como você sobreviveu? — Perguntou Maurício, enquanto entravam numa casa com o logotipo da polícia em uma placa sobre a fachada.

— Meu pai era policial, eu te disse; e ele me criou sozinho. Me ensinou muitas coisas. Usar armas, me proteger, conseguir alimento... acampávamos sempre. Quando tudo começou, me trouxe com ele aqui para a delegacia e me trancou numa das celas. Me entregou a chave e disse para abrir só quando estivesse tudo seguro. Encolhida ali dentro, vi o que aconteceu a ele e aos outros policiais que estavam aqui quando os dementados atacaram o lugar. Prometi a ele que não teria medo; é claro que menti... O pior momento da minha vida foi quando o vi ser estraçalhado e não podia fazer nada para não me descobrirem, mas garanti a ele que ia sobreviver... — respondeu ela, com olhos marejados.

— Também vi meu pai morrer ontem à noite. Sei do que você está falando...

Conversaram longamente. Coralina mostrou como travar e destravar as portas e se trancaram na cela para passar a noite assim que perceberam o cair da tarde. Em pouco tempo começaram os ruídos na rua. De início, lembravam um farfalhar de folhas secas e alguns grunhidos. Aos poucos, rosnados e gritos ecoavam nervosos, famintos. E só piorava. Pelos sons podiam perceber que os dementados se atacavam mutuamente nas ruas, disputando os corpos que apodreciam a céu aberto, até que não restasse nada. Só conseguiram dormir mesmo quando o dia nasceu. Mais tarde, ao saírem, perceberam o saldo da noite passada: mais corpos destruídos nas ruas e mais devastação nos imóveis vizinhos. A delegacia era como uma fortaleza que ignoravam, talvez pelo grosso portão de ferro bem trancado, intransponível.

— A minha rotina aqui tem sido buscar alimento e coisas úteis pela cidade, trazendo para a delegacia o que consigo antes do fim da tarde. — Disse Coralina. — Agora você pode me ajudar nisso.

— Com certeza em pouco tempo você não vai achar mais nada por aqui. E então?

— Acha mesmo que ainda não havia pensado nisso? Tenho as chaves de uma viatura abastecida na delegacia. Tanque cheio e alguma coisa na parte de trás para comer, bastante coisa. Só que não sei dirigir, e agora com você aqui esse problema está resolvido.

— Bom, podemos ir até a capital e explorar a USP, quem sabe lá encontro a solução...

— Acorda, cara! — Interrompeu Coralina — Os doutores de lá com certeza já tentaram tudo o que puderam e agora também são dementados como os outros. Sua busca não faz sentido, a não ser que você seja cientista, químico, ou algo do tipo! Essa coisa não tem solução mais, não percebeu?

— Acontece que... — um grande estrondo fez Mauricio se calar.

Uma explosão perto do supermercado chamou a atenção de ambos. A fumaça negra que subia e a revoada dos urubus indicava o ponto exato.

— Droga! — praguejou Coralina — O posto de gasolina perto do Auxiliadora foi pelos ares! Era o último aqui em condições de pegarmos mais combustível! Vamos ver isso!

Ela correu em direção à rua que dava acesso ao local da explosão, sem dar tempo de Maurício completar o que pretendia dizer. Antes que ele a alcançasse, ela estacou perto de um shopping desativado. Então ele viu, além dela, os dementados que corriam na direção dos dois. Uma multidão enlouquecida de pessoas que não eram mais humanas, vindo como uma manada de búfalos rua abaixo, fugindo do incêndio.

Gritavam furiosamente, alguns caiam e eram pisoteados pelos demais.

— Aqui, Cora! — Gritou Maurício — entra aqui, rápido!

A jovem virou-se para trás e viu Maurício gesticulando em direção à porta aberta de uma lanchonete, por onde ele entrou quando a viu olhando na sua direção. Instintivamente ela correu para lá, enquanto a turba de dementados ainda não havia percebido sua presença.

Assim que Cora entrou Maurício moveu uma geladeira de bebidas para bloquear a passagem de quaisquer daquelas criaturas.

Ofegante, Cora se apoiou sobre os joelhos e olhou para Maurício, enquanto as criaturas passavam pela rua num tropel ruidoso e insano. Quando o silêncio voltou e sua respiração normalizou, ela se encostou no balcão empoeirado e comentou:

— Nossa!... Foi por pouco! Eles nunca se comportaram assim, que loucura foi essa?

— Acredito que o incêndio deve ter desentocado aquele grupo de algum lugar perto do posto e, mesmo não sendo comum eles se agitarem durante o dia, fugiram do fogo.

— Isso só faz sentido se ainda restar neles algum instinto de sobrevivência...

— Era sobre isso que eu queria falar com você. Meu pai era biomédico e antes de morrer preparou isto.

Maurício tirou da mochila uma caixa metálica e abriu. Dentro dela, haviam tubos de ensaio e um envelope recheado de documentos.

— É uma cura. — Disse, categórico. Ele testou essa fórmula no laboratório dele, antes da nossa casa ser invadida pelos dementados.

— E como você tem certeza de que isso funciona?

— Eu fui a cobaia. — Maurício ergueu a manga da camisa e exibiu as marcas das picadas. Seu pai o havia mantido preso desde que fora contaminado. Retirou amostras do seu sangue e fez diversos testes em

seu laboratório particular. Até que, talvez num golpe de sorte, encontrou um antídoto e conseguiu fazer o filho melhorar. Enquanto isso, o caos reinava nas ruas de Curitiba. Ele pretendia levar sua descoberta até São Paulo na esperança de encontrar quem pudesse produzir a substância em grande quantidade a partir das fórmulas que estavam no envelope. Porém, ele não sobreviveu ao ataque...

— Meu Deus!!! — Disse Coralina, espantada com o relato de Maurício. — Seu pai seria de grande valor aqui, se tivesse sobrevivido e pudesse continuar a pesquisa!

— Sim, seria... — disse Maurício, cabisbaixo. — Por isso o matei antes.

— O que foi que você disse? — Antes que pudesse reagir, Coralina teve a garganta cortada por garras afiadas. A última coisa que viu, foram as presas e os olhos amarelos de Maurício.

Seu pai encontrou a cura para a insanidade dos infectados, mas não para sua sede de sangue. Enquanto Cora dormia naquela manhã, Maurício saiu furtivamente, aplicou a fórmula de seu pai em vários dementados que encontrara na pousada próxima ao posto de gasolina e preparou a explosão, para forçá-los a sair do ninho. O vírus da Noturna iniciou o trabalho e a fórmula acidental de seu pai completou a mutação, criando assim uma nova espécie, capaz de espalhar todo aquele terror conscientemente, dia e noite. A nova e voraz espécie vampira que iria dominar a Terra.

Fim

Euphorya

Morphine Epiphany

Elisa costuma testar a minha paciência de uma maneira, que me carrega ao limite e em segundos, me puxa, como se fossem dedos de pequena salvação. Geralmente, são as idiotices absolutas ditas por ela, ou, as atitudes mais irritantes do mundo.

A língua dela, realmente desconhece o freio e aquela cara propriamente digna do certificado de sonsa, pioram a situação. Sei que não deveria falar assim de Elisa. Afinal, é a minha irmã do meio. Mas, há alguns meses, meu temperamento mudou e o dela mais ainda. Houve um tipo de desconexão. Como se os cordões umbilicais, finalmente, se desgrenhassem e levantassem a bandeira revolucionária da liberdade.

Os botões do afeto se desligaram em mim. É como se, toda a minha família, tivesse se tornado uma propaganda de margarina, e eu fosse, a figurante escondida em caso de urgência. A repulsa nos meus pensamentos, de vez em quando jorram feito corredores estupidamente sangrentos, diante das minhas órbitas.

Os amei de um brotar profundo por tantos anos e por algum motivo babaca, comecei a desdenhá-los. Quando observo, papai assistindo à temporada de jogos com meu irmãozinho Miguel, a estúpida criatura feita de ciúmes, balança em meu estômago e uma legião de estampidos graves e horripilantes, consome cada partícula infestada do meu organismo.

É uma sensação duradoura, parece que se instalou permanentemente. De vez em quando, eu regurgito ao ver Miguel se aninhando no colo dele. Aqueles cabelos loiros, do pestinha de seis anos, roçando nos dedos de papai, do mesmo jeito, que ele costumava fazer comigo.

Infernos! Trevas! Qualquer portinha fúnebre, seria um espaço cômodo, para a minha existência agora. Não devo sentir essas coisas. Papai e Miguel! Miguel e papai! Eles se amam. Já fui parte disso no passado. Elisa foi minha amiga, irmã. Como eu queria ser embalada por mamãe. Cadê o colo dela?

Provavelmente, na casa dos Silva, assistindo novelas com Dona Lia e fofocando sobre a vida de todos os vizinhos. Sim, minha mãe adquiriu esse hábito. Ela passa tanto tempo, na casa alheia, que só retorna no final da novela das oito.

Nos acostumamos com as peripécias doentias de mamãe. A sobrevivência é feita com várias latas de salsichas, molho e ervilhas, tudo o que conseguir ser enlatado ou aquecido no forno micro-ondas. Até aprendemos a esticar os lençóis e jogamos a roupa na máquina.

***

— Desliga a porcaria dessa música, Elisa!

— Ih! Tá esquentadinha, Clara? A Clarinha tá esquentadinha...mimimi...

Não aguentei e saí do maldito quarto. Bati com o estrondo da alma, a porta e corri. Pude ver papai e Miguel se divertindo, comendo pipoca e comentando o jogo, com seus eufóricos gritos. Rompi com o berço por alguns instantes, com meus pés na dança aflita, escancarei pela fechadura e encontrei as ruas.

O saboroso frescor das ruas de São Paulo, sem Elisa, sem o descaso de mamãe e sem o acariciar dos dedos de papai nos cabelos de Miguel. Acho que, flutuei naquela noite, vaguei com olhos fechados e só despertava com as buzinas dos carros, alertando sobre o perigo de uma garota em transe, atrapalhando o seu movimentar.

Um dos carros buzinou tão forte, que eu empalideci e fiquei petrificada. O motorista saiu do carro e avançou. Nem meus braços respondiam. Os músculos do homem eram dignos do Hulk e a brutalidade com a qual, ele se locomoveu na minha direção, me impediram de fugir.

Furioso! Ele ergueu o braço direito no desenhar de um intenso soco e eu só descongelei, quando vi a cabeça da mulher em frangalhos. Uma senhora de meia-idade, passeava com um poodle preto e foi massacrada pelo motorista.

A figura daquele punho revestido em sangue, fez o meu regurgitar sair de uma vez só. Tentei segurar o resto do meu estômago e forcei a velocidade das minhas pernas. Antes da fuga, presenciei o início de um caos. Carros batendo. Motoristas saindo e esmagando as cabeças uns dos outros. O guarda local tentou prender um homem que mordia o couro cabeludo de um bebê, com a voracidade de um lobo. Na primeira investida, o guarda foi arremessado e atacado por duas mulheres com apetite nos olhos.

O ligeiro espírito olímpico tomou conta dos meus pés sedentários. Meus olhos corriam na procura de um lugar normal. A decepção espumava e se escondia nos lábios. A velocidade, o meu fôlego indo embora. Gritos, pessoas espancando outras no jardim. Crianças sendo arremessadas no concreto.

Com a garganta em plena secura, eu enxerguei um velho devorando um cão. O vermelho contaminava as órbitas de todos. E um brutamontes se apossara daqueles corpos. Um ser humano, jamais teria aquela força.

Alarmes emitindo frequências de agonia. O pintar dos jardins, das casas, em um viscoso escarlate. A mercearia da esquina, abrigava um festival pitoresco. O atendente com as tripas em exposição contemporânea. Clientes com as pernas sangrentas dentro de carrinhos e as cabeças largadas em qualquer prateleira.

Estúpida. Sair de casa por uma briga. Papai? Miguel? Elisa? Mamãe? Esses monstros podem pegá-los.

***

As explosões pequenas, os urros, o gelatinoso sangue nos arredores. No recuperar consciente, alcancei a rua, que se localizava atrás da minha casa. Com o alucinante saltar do meu peito, corri, me certifiquei do silêncio. O trecho parecia ileso. Dei a volta e por uma viela cheguei ao jardim.

A TV ligada. Nenhum monstro próximo de casa.

Os pulsares normalizavam aos poucos. Adentrei meu lar. A pipoca esparramada no sofá, a TV em alto volume declamando:

"Uma epidemia assolou a cidade!"

Várias imagens de cidadãos enfurecidos, atirando, esfaqueando, arrancando cabeças, mordendo e até devorando partes dos corpos. São Paulo agora fazia jus de cidade enlouquecida. O repórter soltou as palavras:

"Um surto de Euphorya se espalhou em questão de minutos e ninguém sabe o que cau...."

O homem foi degolado por uma velhinha em rede nacional. A transmissão se encerrou. Perplexa, mantive-me concentrada no aparelho. Dedos acariciaram meus cabelos.

— Papai!

Empunhando o facão, tentou me ceifar. A lâmina penetrou o sofá. Escorreguei e me arrastei. Papai avançou com os olhos alimentados pelo teor raivoso. Transferi meu pensamento e chutei-o. Escapei e tranquei a porta da cozinha.

No meu ofegar, o meu tênis se cobriu de vermelho. O piso manchado pelos fluidos de Miguel. A profundidade do meu irmãozinho jogado na cozinha. Papai se contaminara.

Os dedinhos dele e as mechas loiras completamente pintadas. Lágrimas soltaram-se, enquanto, o homem arrebentava a porta.

Aprisionei as gotículas e vasculhei as gavetas. Tinha um tamanho médio. O reflexo do assassínio incrustado nela.

Eu não poderia me contaminar, mas o monstro não era o meu pai. Envolto numa feição animalesca, quebrou a porta e a maçaneta tornou-se cúmplice.

A língua espumante ansiava e os punhos rapidamente se prepararam. Ao se aproximar, a faca se instalou no coração. (não tenho certeza se "impregnou" cabe aqui: impregnar verbo 1. transitivo direto e bitransitivo e pronominal fazer(-se) penetrar (um corpo) de líquido; embeber(-se), encharcar(-se). "uma chuva fina mansamente impregnava a terra" 2. transitivo direto e bitransitivo e pronominal introduzir(-se) de forma gradual em; repassar(-se), infiltrar(-se). "um forte perfume impregnava a atmosfera" 3. transitivo direto e bitransitivo e pronominal fig. influenciar(-se) profundamente; imbuir(-se). "um forte puritanismo impregna as

leis de censura" Origem ⊙ ETIM lat.medv. impraegno,as,āvi,ātum,āre 'fazer um corpo penetrar em outro', de praegnāre 'emprenhar')

A face raivosa se tingiu de agonia. Papai. O monstro caído, sujando o piso da cozinha.

***

Onde estava Clara? Clarinha? O afiar no coração de papai, teceu de lama, minhas unhas. Sombria, poderia ser o nome dessa espécie.

***

Manchando cada degrau da escada, na descrença, subi. O corredor envelhecera em segundos e a casa tornara-se o lar funesto.

Elisa havia desligado o rádio. A música dela fazia falta. Espero que, ela esteja dormindo e não tenha visto a matança no andar de baixo.

Os zumbidos derradeiros destilam algo em meus ouvidos. Giro e encontro o quarto sangrento de Elisa. Os pés ao lado do abajur. A cabeça no carpete. Pernas na janela. Os lençóis jorravam. Algumas vísceras pastosas grudaram no meu solado.

O aterrador gutural em reviravolta, criou um regurgitar espesso. Contribuí com a lambança, vomitando nos restos de minha irmã. Eu não queria vê-la assim.

— Elisaaaaaaaaa!!!!!!!!!!

O mundo virando carnificina. Meus amigos devem estar mortos. Será que vovó? Droga! Deus! Será que o vovô também?

O vômito cessou e o vazio de seguir a jornada, suspirou feito fantasma em sonhos. Dei adeus aos pedaços de Elisa e andei na direção da porta. O girar e o avançar do vulto com o machado.

— Mamãeeee!!!!!

Fim

O Bloqueio

Faby Crystall

E então, me vi diante do meu caderno de rascunhos, batendo com a ponta da caneta nele. Quando não conseguia rabiscar, abria o notebook e ficava olhando o cursor, piscando na tela, tentando pensar em algo a escrever.

Já fazia mais de um mês que não conseguia escrever nem um miniconto. Estava com bloqueio, bloqueio de escrita, como podia isso?

Passávamos por grandes mudanças no cenário nacional e internacional, em todas as áreas. Falava-se em confirmação das sagradas escrituras, falava-se no apocalipse, então, para nós, que vivemos das letras não faltava assunto para nossos contos.

Eu estava ali, precisando escrever algo, precisando concluir meu livro e nada saía. Já tinha começado a história umas dez vezes, não adiantava, minha cabeça parecia vazia.

Isso já tirava meu sono a várias noites. Resolvi então entrar em contato com outros escritores, afinal, somos um grupo de mais ou menos dez escritores, espalhados pelo país.

E tamanha foi minha surpresa ao descobrir que não só eu estava sofrendo desse mal como todos os meus parceiros também.

Nenhum de nós conseguia escrever uma única frase e isso é algo angustiante, principalmente, porque alguns já haviam perdido seus contratos com editoras por não cumprirem os prazos e desse grupo eu não queria fazer parte.

Como não escrever diante de tantas tragédias, ataques terroristas, mudanças climáticas drásticas, o mundo estava vivendo um verdadeiro caos e eu, como escritora, não conseguia nem uma palavra chave.

Resolvi então incorporar Sherlock Holmes e descobrir porque isso estava acontecendo com todos nós.

Não foi fácil contato imediato com meus amigos, porque alguns precisavam de retiro para tentar escrever e nesse momento você percebe que um escritor pode ser excêntrico, por isso, vou tratá-los pelas iniciais.

Em virtude de serem diferentes dos demais, alguns se isolavam no meio da mata, sem nenhuma comunicação, bastava água, comida e uma máquina de escrever, como o **CH**. **JM** se recolhia ao campo, ficar naquele ambiente de tranquilidade, em meio ao canto dos pássaros e ao odor dos excrementos de vaca faziam sua cabeça funcionar.

FC e **JC** eram parecidos e passavam as noites nas baladas, enchendo a cara, pensavam que isso iria ajudar, mas, no dia seguinte, o que restava era ressaca e arrependimento. **MP** e **SB** tinham atividades artísticas paralelas aos livros, também eram artistas na dança clássica e marchand, respectivamente, mas nem mesmo nesse meio criativo conseguiam escrever algo. Foi então que fiquei surpresa, desses meus amigos apenas **DS** continuava a escrever e devo dizer que "de vento em popa".

DS era o único que, além de escrever, vendia seus livros de forma assustadora. O crescimento nas vendas estava sendo grande, porque só ele? Isso me fez voltar um pouco no tempo e encontrar um ponto chave entre nós e agora, eu precisava descobrir o que aconteceu.

Esse bloqueio de escrita era uma epidemia entre nós, na verdade, todos os escritores que eu conhecia estavam assim e aí que percebi algo em comum: todos nós havíamos participado de um sarau, há pelo menos seis meses atrás, promovido por DS, então, agora, tudo ficava mais claro para mim.

DS, havia feito alguma coisa!

Agora me lembrei de uma coisa e isso irá me ajudar e muito: toda vez que participo de algum evento literário, sempre faço anotações de tudo, todos os detalhes, desde a chegada, agora era só encontrar minha agenda.

COMEÇANDO A INVESTIGAÇÃO

Sempre soube que essa minha mania de ser detalhista um dia iria me salvar e agora poderia juntar as peças desse quebra cabeça e tentar acabar com esse mal.

Bom, depois de conseguir, a muito custo, contato com CH, JM, FC, JC, MP E SB todos estes participaram do sarau, mas ainda precisava ver o que nós tínhamos em comum.

Abri a agenda e comecei a ler o que havia escrito.

Bem, o sarau foi realizado num velho galpão.

Quando entramos, todo o ambiente estava iluminado com velas. Confesso que nunca tinha visto tantas velas antes. No centro, no chão, havia um pentagrama desenhado e nos cantos do galpão, alguns vasos com pequenas mudas de nogueira.

Isso em particular me despertou curiosidade, já que imaginei que aquele pentagrama podia ter sido desenhado com uma vareta da mesma planta e se meu palpite agora fizesse sentido, o motivo da epidemia do bloqueio de escrita logo seria desvendado.

Meu telefone toca, vou até a sala e me surpreendo, é CH em completo desespero.

Acabara de perder mais um contrato e agora, internacional. Eu nem sabia o que lhe dizer, já que ele vivia das letras e com a epidemia se alastrando entre os escritores, não tinha o que dizer.

Notei sua voz extremamente nervosa quando ele me disse:

— FY, se não consigo escrever, não tem sentido viver!

Tão piegas quanto poético, ouvi o som de um tiro e do outro lado, silêncio total.

Entrei em pânico, liguei para a polícia informando sua localização no meio da mata e avisei aos demais escritores.

Essa epidemia agora estava se tornando um tanto quanto perigosa. Menos uma vida e com certeza, ele não seria o único.

Agora, eu precisava correr contra o tempo e terminar de ler a agenda e procurar a cura para a epidemia do bloqueio de escrita.

Corri para meu quarto, deitei e voltei de onde parei.

— Bem, nossas cadeiras estão cuidadosamente arrumadas em torno do pentagrama, a noite era de lua cheia, lembro bem, porque são nessas noites que me sinto mais criativa.

Quando entramos no galpão, DS passava a mão num refratário de barro onde tinha uma loção muito perfumada e apertava nossa mão. Lembro muito bem disso porque tinha um agradável cheiro de sândalo, limão e rosas.

Agora preciso ver onde tem um feitiço com esses ingredientes.

Fui até o sótão e peguei o Grimório da minha bisavó, sabia que essa mistura, eu já tinha lido antes, era uma loção, "Loção da Escravatura".

Voltei ao meu quarto às minhas anotações, como não percebi aquilo?

A arrumação do galpão sugeria magia negra, com a loção que ele apertava nossa mão, lançou sobre nós um feitiço de submissão.

Que epidemia mais escrota!

Era uma loção tão perfumada que todos nós acabávamos espalhando por todo corpo e quando falo todos nós éramos na base de uns cem escritores, de várias partes do mundo e entre eles meus amigos.

Agora as coisas começavam a fazer sentido!

Antes de sentarmos, ficamos em uma ante sala, quando todos estavam reunidos entramos na área do galpão e precisamos pisar no pentagrama enquanto DS posicionou-se num púlpito e abriu um livro, proferindo algumas palavras que não me recordo, mas com certeza era seu grimório e enquanto estávamos com a loção de escravatura nas mãos e pisando no pentagrama, ele lançava sua praga sobre nós.

Que grande f...da ...p!

Nem vou pronunciar essa expressão. De repente, meu celular toca, quão é minha surpresa ao ver que é EN, mas ele estava em Paris.

— FY, socorro!

— O que aconteceu EN?

— Mulher, não consigo escrever nada!

— Não é só você, EN! Todos que participamos do sarau do DS não conseguimos nem escrever, nem vender, mas ele está produzindo e publicando cada dia mais, acho que ele lançou um feitiço que se espalhou como uma epidemia sobre nós!

— Não faz sentido! Não posso viver assim! Vivo dos livros!

— Tenha calma! O CH já partiu, suicidou-se hoje pela manhã!

— O QUE? Mais um?

— Como mais um? — perguntei já aflita, com medo da resposta.

— Fiquei sabendo que o JC também morreu ontem! Overdose de cocaína!

— PUTZ! Nem sabia que ele cheirava! Preciso de sua ajuda, EN! Já descobri que o DS utilizou alguns elementos de magia negra, preciso de um feitiço de reversão!

— Como eu vou conseguir isso, mulher? — pergunta EN, já em tom de histeria.

— Te vira! Não posso resolver tudo, acho que ainda tem alguma coisa que deixei passar, qualquer coisa te ligo!

— Ok então! Vou procurar primeira novidade, mantemos contato. Beijo mulher!

— Um cheiro!

Voltei as minhas anotações e não sabia se ficava mais surpresa ou com mais ódio do DS!

Anotei o que achei estranho: ele com um cálice de bronze, com um chá que exalava um cheiro delicioso e quando perguntei o que era ele disse que era um chá para insônia, que não dormia a muitas semanas.

Eu anotei os ingredientes, onde tá? Achei!

O chá que DS bebia era de louro, alfazema, verbena, Artemísia e dente de leão. Agora tudo faz sentido e esse cara era um grande sacana!

Ainda bem que a bisa anotou isso.

Ele bebia uma poção de encantamento para fortalecer toda palavra que por ele fosse proferida, então agora terminei o quebra cabeça!

Ele utilizou de magia negra, Loção da Escravatura e poção de encantamento para nos enfraquecer no quesito literário, sendo assim, nenhum de nós conseguiria escrever, nem vender mais nada, daí o motivo do seu sucesso.

Meu celular toca novamente, é o EN:

— FY, achei um feitiço de reversão. Fui à French National Library e encontrei uma verdadeira relíquia, tão velho quanto qualquer livro que eu já tenha lido.

— E do que se trata? — perguntei extremamente ansiosa.

— È um livro muito antigo, que data da idade do "Queimem as bruxas!"

— Sem brincadeiras, EN! Fale logo!

— Há um feitiço de reversão que quando você fizer, algo surpreendente irá acontecer!

— Me diga logo! Vou fazê-lo antes que mais algum amigo nosso morra!

— Vou te mandar as instruções por email. Fiz algo super errado, mas, se é para nos salvar dessa epidemia horrenda, que nunca vi antes, tirei fotos e já tô te enviando!

— Beijos querido! Vou ver os ingredientes e fazer o mais rápido possível. Se prepare, vamos voltar a escrever e vender nossos livros como nunca antes!

— Espero que sim, baby! Espião EN, desligando!

Corri ao notebook e o danado já tinha mandado, agora vou comprar esses ingredientes.

ACABANDO COM A PRAGA

Pronto, já comprei tudo, vamos lá!

Precisei comprar um caldeirão, daqueles de bruxa, sal grosso, caneta e linha preta, sete incensos de sândalo e sete incensos de mirra.

Posicionei o caldeirão no centro da sala. Peguei uma folha de papel e escrevi sete vezes o nome de DS, isso para mim foi muito fácil, já que nós já tínhamos escrito um livro juntos e eu tenho "uma memória de elefante".

Agora, tinha que seguir o feitiço de reversão direitinho.

Depois de escrever o nome dele sete vezes, coloquei um punhado de sal grosso e fiz um pacotinho com o papel, dobrando as pontas sete vezes.

Amarrei o papel com a linha preta e coloquei dentro do caldeirão. Coloquei os sete incensos de sândalo e os de mirra dentro do caldeirão para que queimassem e a fumaça, envolvesse o pacotinho com o nome do dito cujo.

Esperei que os incensos queimassem e quando acabaram, peguei suas cinzas e o pacotinho e fui até um rio que passa no fim do quarteirão onde moro.

Enquanto jogava na água corrente, precisava pronunciar as seguintes palavras:

"Tudo que agora pela água passa,
que por ela se desfaça.
Leva contigo o feitiço contra (diga o nome da pessoa enfeitiçada)
E que DS o receba de volta
com esta água que se revolta."

Difícil foi a parte que precisei dizer o nome de todos, afinal, com exceção de EN, nenhum dos outros sabiam que eu estava fazendo isso.

Saí de lá sem olhar para trás, deixando as águas do rio levando aquele pacote e as cinzas.

UMA SEMANA DEPOIS

O feitiço de reversão foi um sucesso!

Além de todos os escritores voltarem a escrever, quem tinha livros publicados despontava nas vendas.

Conseguimos reaver alguns contratos com editoras, finalmente, eu estava feliz!

A epidemia foi extinta com o feitiço de reversão e você quer saber o que aconteceu com DS?

Bom, o feitiço de reversão devolve o feitiço a quem o fez, então...

Fim

NOTA DA AUTORA

As siglas utilizadas para identificar os autores do conto são de autores, amigos, oriundos do Recanto das Letras. Espero que vocês desvendem quem é quem!

É uma singela homenagem a amigos tão queridos!

Os feitiços e símbolos são reais!

Meu Melhor Amigo

Eric Sales

Morro do Soturno era um pequeno município gaúcho. Só não passava despercebido pelo mapa em virtude de sua crescente agricultura, principalmente quanto a produção de arroz. Fora do estado, talvez ninguém tenha escutado esse nome tão peculiar e, depois do que aconteceu no último mês, talvez ninguém mais ouça falar dele.

Naquela noite fria do último Domingo de Junho, Chiquinho pedalava de volta para casa, levando o pagamento da faxina que a mãe fizera na residência dos Borba. Sobre a bicicleta vermelha de vinte e uma marchas, não era um simples e tímido menino de oito anos, mas o Capitão Trovão, o super-herói, voando com Vendeta, a melhor espaçonave interestelar da galáxia, até os confins da constelação de Jade. O objetivo da missão: levar as moedas de ouro até Rosácea, a estrela mãe daquele sistema.

São raras as coisas que conseguem superar a imaginação das crianças, ainda mais quando ela alcança as estrelas. O mundo criado é espetacular quando comparado a monótona realidade.

Em meio a toda a fantasia que criava, Chiquinho decidiu pegar atalho por um terreno particular. Além de chegar mais rápido em casa, passaria pela lomba do coqueiro, onde poderia sentir um arrepiante frio na barriga ao descer em alta velocidade. A trilha que deveria usar para cortar o caminho ficava logo à frente. Ao frear na estrada, levantou poeira, fazendo Vendeta deslizar sobre a terra. Desceu da bicicleta, empurrou-a para o acostamento e jogou-a do outro lado da cerca, saltando em seguida. Quem não conhecesse o caminho diria que aquele mato fechado não levava a lugar algum.

Com cuidado para não rasgar o blusão de lã na vegetação selvagem da trilha, o menino empurrou a bicicleta colada ao corpo. Desceu por um leve declive até chegar em um terreno plano e aberto, onde conseguiu voltar a montar a maravilhosa Vendeta. Logo à frente estendia-se um largo campo alagado, coberto por arrozais.

Enquanto pedalava pelo caminho seco entre as plantações, imitava o som de raios e explosões espaciais. Estava tão concentrado na fantasia do Capitão Trovão que desequilibrou-se quando o céu ficou em chamas depois de uma violenta explosão. Ele virou o guidão de forma brusca e foi jogado para frente da trilha, comendo um pouco de terra e esfolando os joelhos. Urrou de dor ao perceber o sangue escorrendo pela perna. De modo súbito, ficou em silêncio ao ver o objeto que pegava fogo caindo do céu. Girava sem controle. Uma bola laranja e quente, despencando em direção ao morro que dava nome a cidade.

O coração de Chiquinho parou por um instante, receoso pela cena tão espetacular e amedrontadora. Tão rápido quanto o surgimento da bola de fogo, foi o desaparecimento atrás do morro.

Em seguida, sucedeu o estrondo que ergueu uma língua de fogo e fumaça aos ares. Com os olhos arregalados e a boca escancarada, o garoto era uma testemunha paralisada, sem forças para desviar o olhar. Estava hipnotizado pelas cinzas que dançavam em direção ao céu. Então, como se recobrasse os sentidos, o som de algo batendo na água o trouxe de volta ao corpo, fazendo-o encontrar o objeto branco que flutuava no arrozal ao lado.

Chiquinho arrastou-se curioso e com cuidado até a beira do terreno alagado. Não queria molhar as roupas antes de chegar em casa.

Observou o objeto flutuante com ar intrigado. Era uma espécie de caixa de cor bem clara, com um filete de fumaça saindo das bordas e cheiro de plástico queimado. Não estava muito longe, mas os brotos de arroz prendiam-na no lugar. O menino analisou com atenção, receoso pelo que pudesse sair dali de dentro.

Estava dividido sobre que decisão tomar. Por um lado, o medo era a emoção mais antiga que a humanidade conhecia, por isso não era algo a se desprezar. Mesmo assim, a curiosidade movia o mundo, ajudava a criar coisas novas e destruir outras.

A imaginação voava solta. O que o Capitão Trovão faria? Perguntava-se.

Dessa forma, no meio da disputa, Chiquinho decidiu vencer o medo. Esse sentimento pertencia a pessoas fracas, não ao Capitão. Jogou o receio do lado, deitou-se na trilha elevada que limitava o arrozal e esticou o braço o máximo que conseguia na tentativa de puxar a misteriosa caixa.

Por mais que esticasse o braço, não a alcançava. Molhou a manga do blusão de lã, xingando Deus e o mundo. Estava encardido de terra e agora isso! Então, sem o cuidado anterior, subiu as mangas, apoiando-se com uma das mãos na água gelada e com a outra puxou a caixa.

Sentado ao lado da bicicleta começou a investigar. Era de isopor e possuía cheiro engraçado, algo entre queimado e doce. Em um dos lados maiores havia uma etiqueta derretida, talvez o motivo da fumaça e do cheiro que se dissipava. Do outro lado estava um tipo de selo com vários códigos e a inscrição: Despacho imediato: Instituto Butantã. Uma informação sem importância para o menino. Na verdade, o que mais chamou atenção do jovem foram as etiquetas amarelas que preenchiam o resto da caixa. Dentro delas havia o desenho de um tipo de trevo com folhas circulares e, logo abaixo da figura, em letras grandes e chamativas estava escrito: Risco Biológico.

Uma fita transparente, enroladas várias vezes, impedia a abertura da tampa. Porém, mais uma vez, inundado por uma sensação de coragem, curiosidade e estupidez, Chiquinho rasgou o lacre, abrindo-a. De dentro dela uma fumaça branca e gelada se elevou.

Ele vasculhou o interior do recipiente, enchendo-se de frustração, pois havia apenas bolinhas de isopor. Indignado, virou no chão e a ampola de vidro caiu entre suas pernas. Juntou-a com cuidado e leu a etiqueta do frasco. Numa expressão de surpresa e excitação, exclamou: Uau! O Nestor precisa ver isso!

***

Enquanto crianças, as pessoas fazem escolhas por motivos estranhos e até mesmo muito questionáveis. Não conseguem compreender as consequências de suas ações ou mesmo abstrair suas implicações. O problema só fica maior quando se descobre que a maioria dos adultos ainda não deixou de ser criança. Aquele sargento na carroceria do caminhão pensava nisso, questionando se não deveria ter se despedido melhor da família antes de seguir até Morro do Soturno.

— Esses carros do exército não param de chegar! — exclamou dona Rosa, mãe de Chiquinho.

Estava recolhendo as roupas do varal enquanto as tropas passavam pela frente de casa naquele fim de tarde. O crepúsculo avermelhado enchia o horizonte, como se o dia sangrasse:

— Eles estão indo até a fazenda dos Silveira — respondeu a vizinha.

— E eu não sei? Sabe o que é isso? É por causa daquele avião de ontem.

— Jesus Cristo! Benzei-me, senhor.

— Todos estão falando nisso, mas nenhum jornal tocou no assunto. Não é estranho?

— Não gosto nem de pensar nisso.

— Imagina eu. Ontem mesmo meu filho estava na rua quando aconteceu! Ele chegou em casa todo sujo e nem quis falar sobre o assunto! Meu coração quase saiu pela boca.

— Graças a Deus ninguém se machucou…

— Sim, menos os passageiros do avião. Ninguém fala neles! Ei, Chiquinho, onde o senhor pensa que vai a essa hora?

O menino ficou estático ao ouvir a mãe gritando. A tentativa de sair de fininho falhara:

— Vou me encontrar com o Nestor…

— Negativo! Cheio de exército por aí e ninguém sabe o que aconteceu. Nem pensar!

— Não vamos longe, mãe. Eu prometo.

— Garoto, tu não vai contrariar tua mãe! Imagina se teu pai não estivesse viajando?

— Mas mãe…

— Não tem mas! Pra dentro, já!

O menino jogou a bicicleta no chão, derrotado, e partiu para casa aos prantos.

— O guri só quer brincar um pouco, Rosa — falou a vizinha.

— Eu não vou deixar ele sair com essa movimentação. Ainda mais com esse delinquente filho do Adão.

***

Estava abraçado com o travesseiro, ainda chorando. No meio da raiva, tirou a ampola de vidro do bolso, pensando no que aconteceria se abrisse ali dentro. Olhou para a garrafa de água mineral, no criado-mudo ao lado da cama. Só precisava derramar o líquido ali dentro e estava feito.

Por que a mãe não deixava ele sair? Nunca havia gritado daquela maneira. Era de uma passividade agoniante. Porém, nas últimas semanas começou a repreender Chiquinho pelos encontros com Nestor. Nutria antipatia pelo amigo do filho desde o fatídico caso do relógio da escola.

De repente ouviu a mãe entrando pela porta da frente, esticou o pescoço pela janela e viu a Vendeta em frente ao portão, bem onde deixara. Enxugou as lágrimas, guardando a ampola no bolso. Saltou a janela do quarto e correu até a bicicleta, fugindo para encontrar Nestor Craveiro.

***

— Nossa! Tu demorou, hein! Que merda. Já estava achando que tinha desistido, mariquinha.

— Minha mãe estava incomodando…

— Tá tá. Me mostra aquilo que tu falou.

Nestor era um garoto grande em estatura, truculento e mal-humorado. Muitos moradores de Morro do Soturno diriam que tinha o humor do pai. O velho Adão era o típico bêbado mal-encarado que vivia procurando confusão. Talvez esse fosse o futuro que aguardava o melhor amigo de Chiquinho.

Encostou a bicicleta na cerca, tirando a ampola do bolso. Nestor arrancou de sua mão e trouxe até os olhos, miúdos e negros. As bochechas grandes do menino inflaram ao sorrir. Possuía uma expressão exagerada, misto de alegria e cólera, o olhar de um lunático:

— Isso é foda! Vamos começar a brincadeira!

Chiquinho via em seu amigo inspiração, liderança. Não conseguia enxergar as falhas em seu comportamento ou as consequências do que faziam. No fundo, achava que os dois eram mestres na arte das pegadinhas. Seja através dos trotes telefônicos, surpresas fedorentas em caixas de correio ou mudando o horário dos intervalos no relógio da escola. Sinceramente, Chiquinho não tinha ideia de como Nestor conseguira mudar o sinal da escola naquele dia. Foi uma pegadinha brilhante, apesar de terem levado uma suspensão de quatro dias. Ao acabar a punição, Nestor voltou para as aulas com um olho roxo. Nunca comentou o que aconteceu em casa durante aqueles dias.

Chiquinho estava muito curioso para saber o que os soldados faziam do outro lado do morro, mas Nestor não estava afim disso. Segundo ele, ir até lá poderia trancá-los numa enrascada sem chance de fuga. Nesse aspecto tinha razão, por isso seguiram imediatamente até a pedreira, do lado oeste do morro. Durante o verão, gostavam de se reunir na mina para ver as grandes pedras que tiravam de lá e, é claro, as magníficas explosões.

O irmão mais velho de Nestor trabalhava na pedreira. Às vezes ficava de vigília nas madrugadas. Dizia que preferia ficar uma noite acordado ali, do que tentar dormir em casa. Por diversas vezes os meninos tentaram conseguir algum explosivo com ele, mas o irmão de Nestor tinha mais sensatez e cumpria muito bem seu trabalho de vigília da casa vermelha, como chamavam o abrigo das dinamites.

— É seu irmão que está na pedreira hoje?

— Não é na mina que vamos agora. Minha ideia é outra.

— E qual é?

— Sabe por que a mina vai fechar?

O menino menor deu os ombros.

— Babaca! Acontece que há uma briga antiga entre os donos da pedreira e os da Fonte do Morro, aquela água mineral que todos bebem. Não explodem mais nada por lá por que a pedreira está em cima da fonte, entendeu? Eu achei um buraco cheio de água, acho que vai direto para a bomba do reservatório deles — Nestor esticou a mão, entregando a ampola. O sorriso sinistro continuava estampado no rosto.

Então, mais uma vez, leu o rótulo do frasco: Retrovírus Mutagênico.

Quando chegara na cerca que dava divisa a pedreira, Chico já estava suando por todo o corpo. Faltava pouco para chegarem até o lugar e ele começava a sentir-se angustiado. Estava nervoso e tenso, pensando no plano que haviam traçado. Nestor abaixou-se com agilidade e puxou os galhos secos e retorcidos onde estava escondida a passagem que usavam para entrar na pedreira:

— Primeiro as damas — disse sarcástico.

***

Ao chegarem no destino, ofegava e tremia, não pelo cansaço, mas pelo que estavam prestes a fazer. O poço que Nestor falara, era uma espécie de rachadura sobre a imensa pedra no chão. Estendia-se por uns dois metros e seu maior diâmetro devia ter cerca de sessenta centímetros. Um buraco sobre a rocha.

Nestor juntou cascalho do chão e o largou através da abertura. Após alguns segundos, que pareceram uma eternidade, a pedra chegou ao fundo e ouviram o som de água. Segundo o amigo, aquela água era a mesma que tiravam da fonte e distribuíam na cidade.

— Vamos lá, me dá o bagulho — disse, estendendo a mão.

Chiquinho deu um passo para trás. Começava a pensar no porquê da mãe ter agido tão grossa mais cedo. Nestor não era uma pessoa normal, agora enxergava isso com mais clareza:

— Não sei se devemos fazer isso, Nestor.

— Como assim? Dá isso pra mim! Vamos fazer essa cidade de loucos entrar para a história — Levantou-se. De pé, parecia ter dobrado de tamanho. Com seus olhos insanos e nariz arrebitado, lembrava um porco demoníaco: E nós seremos invencíveis. Tu não deseja ser o Capitão Trovão de verdade? É só me dar esse frasco.

Segurava a ampola com força. Estava amedrontado. Lembrou de todas as aventuras que imaginara na vida, de todos os heróis que viu na televisão. Os mutantes sempre tinham algo de especial para ele. Eram fortes, ágeis e inteligentes. Sonhava em ser assim, sonhava com aqueles superpoderes. O segredo estava ali, em suas mãos. Porém, o que aconteceria se em vez de criar grandes heróis e vilões, criassem uma doença? O dilema o deixava temeroso.

— Essa será a maior pegadinha de todas! Vamos ter um exército de mutantes!

Conforme o discurso ameaçador crescia, Nestor caminhava em direção ao amigo, preparando-se para o ataque.

— Não vou te dar isso!

Subitamente, esticou o braço para lançar a ampola, mas, no último instante, Nestor caiu sobre ele. Sentiu todo o peso do amigo truculento. Os dois rolaram pela pedra à beira da rachadura, trocando socos e pontapés. Chico girou para o lado, desvencilhando-se e acertou com o punho o nariz do garoto maior.

— Desgraçado! Quebrou meu nariz!

O menino tímido se afastou, receoso pelo contra-ataque.

O rosto de Nestor virou uma poça de sangue. Parecia ter saído de um filme de horror. Cuspiu e ficou de joelhos, encarando o menor. Chico não entendia como, mesmo depois daquela violência, Nestor conseguia manter o sorriso sinistro estampado no rosto.

— Vamos parar com isso — Chiquinho negociou. Levou a mão a cabeça, para ajeitar o cabelo desgrenhado e percebeu que algo faltava. Ao se dar conta, Nestor juntava a ampola do chão. Rapidamente, quebrou a tampa e engoliu o líquido viscoso de uma vez. Em desespero, o menino menor saltou sobre ele, gritando: Não!

Nestor afastou-o com as mãos, mas se desequilibrou, batendo com a cabeça na abertura da fenda e escorregando para as profundezas da fenda.

Chiquinho levantou e saiu correndo. Nunca olhou para trás.

***

O castigo veio pela mãe, mas, pelo menos, não descascou seu couro como havia prometido. Não era má, apenas exigente. O pai soubera da fuga do filho por telefone. Trabalhava como caminhoneiro e raramente parava em casa. De qualquer forma, não se importou por ficar sem videogame ou internet. Eram coisas que poderiam ajudá-lo a esquecer o que acontecera na mina, mesmo assim, algo mudou dentro dele. Na verdade, não tinha certeza do que acontecera por lá. A lembrança daquela noite era confusa.

Durante a semana não viu Nestor na escola. Esforçava-se em imaginar que o amigo sofrera uma grave punição e o pai não permitiria sua saída de casa. Era melhor enfrentar isso do que entender o que aconteceu.

Desde o poço não bebeu mais a água mineral da Fonte do Morro. Via as professoras com as garrafas na mão, os colegas comprando nas mercearias e os soldados refrescando-se na praça. Em uma semana nada aconteceu com eles e a expectativa já estava sumindo do excêntrico repertório de sentimentos que Chiquinho estava aprendendo a lidar.

As coisas só começaram a ficar estranhas na segunda semana depois do poço. O exército continuava sua campanha na fazenda dos Silveira. Algumas vezes davam voltas pela cidade. Armados com fuzis, eles observavam as pessoas e a movimentação. Foi em um dia desses que a vizinha de Chiquinho começou a discutir com a patrulha estacionada na frente de sua casa:

— Pra onde vocês levaram meu marido? Cretinos!

— Senhora, por favor, pedimos que se acalme.

— Que história é essa? Tem gente desaparecendo e vocês estão por trás disso. Malditos. Devolvam meu marido!

A gritaria chamou a atenção de Chiquinho. Espichou-se pela janela do quarto e ficou olhando a discussão. A vizinha usava um roupão roxo e tinha uma expressão desesperada. Agitava os braços de modo cômico, apontando o dedo médio para os soldados. Não parecia ser a vizinha que conhecia. Havia algo de estranho em seu rosto, não conseguiu definir ao certo. Talvez fosse a luminosidade ou o roupão que usava, mas a face dela estava esverdeada como pão bolorento. Os soldados tentavam apenas o contato verbal e evitavam aproximar-se. O caminhão estava logo atrás deles, com o motor ligado:

— Senhora…

— Senhora o caralho!

De súbito, os três soldados que estavam na frente dela afastaram-se, dando espaço para dois homens saírem da carroceria com uma rede em mãos. Como se recolhessem um vira-lata das ruas, os soldados cercaram a mulher, prendendo-a dentro da rede. Depois desse dia, Chiquinho nunca mais a viu.

O medo pairava sobre Morro do Soturno. Seus moradores andavam angustiados e temerosos. Algo se movia pelas sombras e pessoas desapareciam. Durante a noite, o silêncio era quebrado por gritos distantes e som do motor de jipes do exército. Diziam haver uma base instalada na fazenda dos Silveira e a estrada principal para sair da cidade estava fechada.

Não demorou muito para ser decretado o estado de emergência e o toque de recolher entrar em vigor. Mesmo com esses contratempos, os que ainda negavam os fatos tentavam viver da forma mais habitual possível. Por esse motivo a escola continuava a funcionar. Nenhum pai gostaria que o filho deixasse de estudar.

A turma de Chiquinho estava reduzida à metade dos alunos matriculados no início do ano. E a professora Cármen insistia em continuar o plano de aula, sem admitir que algo andava muito errado. Naquele dia usava maquiagem forte, deixando-a com aparência artificial. Os alunos percebiam o nervosismo no ar. Os goles demorados na garrafa de água mineral deixavam-nos apreensivos e as mãos aceleradas divagavam, como um titereio sem marionete.

Chiquinho não conseguia prestar atenção na aula, então distraiu-se com a visão do parque através da janela. O dia nublado não trazia conforto. Além disso, havia perdido o interesse nos brinquedos. Os balanços não tinham mais graça, o escorregador não dava mais frio na barriga. Sentia-se um nada. Ficaria inerte naquela melancolia, se algo inesperado não acontecesse. Ali, bem atrás da goiabeira, ao lado da gangorra, enxergou uma sombra. Foi muito rápido, mas tinha certeza do que viu. De outro ponto, alguém passou correndo rumo a escola. Não conseguiu identificar por pouco. Ao olhar novamente para a gangorra viu a figura corpulenta encarando-o com o nariz de porco e as bochechas grandes. Assustou-se ao encontrar Nestor vivo, abanando em cumprimento e sorrindo de seu modo bizarro.

— Francisco, pare de olhar para a rua e preste atenção na aula!

Surpreso, voltou a atenção para professora Cármen. Lançava um olhar de repreensão aos alunos, mas só conseguiu inspirar medo. Ao franzir as sobrancelhas, a testa descolou e a pele dobrou sobre o rosto maquiado. Rapidamente, levou a mão para erguer o tecido e o sangue começou a escorrer pelos lados da cabeça enquanto soluçava.

Os alunos mais da frente puxaram as classes, afastando-se da professora. Cármen não conseguia gritar, algo a impedia. Sentou-se na cadeira procurando fôlego. A pressão despencou. Olhou para as meninas, elas choravam desesperadas, e faz sinal com a mão para acalmarem-se. Isso não ajudou, pois quando a ergueu os dedos começaram a ficar moles e encolherem. Cármen tirou a mão da testa e a pele veio junto, revelando o rosto escarlate e deformado. Em meio à confusão e aos gritos dos colegas, o rádio da escola começou a chiar e uma voz conhecida deu o aviso geral:

— Boa tarde, filhos da puta! - Nestor disse no microfone: esse é um aviso do novo diretor. Ele manda todos se foderem, principalmente o Francisco, meu melhor amigo!

Em poucos instantes a escola virou um pandemônio. Classes foram derrubadas, vidros quebrados e gritos tenebrosos. Chico correu em direção a porta, buscando a rota de fuga:

— Ei, Chiquinho, não vá ainda. Podemos ser amigos de novo!

No batente da porta, olhou para trás. Não era mais a professora Cármen sentada na classe, quem estava ali era a versão ensanguentada e travestida de Nestor. Os olhos estavam melecados de sangue e pus, dificultando a visão. Pegou a garrafa de água mineral e enxaguou o rosto, deixando as grandes bochechas em evidência:

— Ei, que tal fazermos a brincadeira do assassino louco?

Saltou da cadeira e disparou em direção a Chiquinho, mas o vestido da professora era grande para ele, fazendo-o enroscar os pés e desabar no chão. Isso deu tempo para Francisco sair correndo. No corredor a confusão era maior ainda. Inúmeras versões de seu melhor amigo corriam de um lado para outro, riscando as paredes e destruindo os móveis. Precisava sair o mais rápido possível. De dentro das outras salas, os Nestores gritavam frases de ordem e jogavam materiais escolares nos outros. Quando passou pela frente da direção, foi atingido por uma cadeira com rodinhas. A diretora estava amarrada a ela, com duas réguas metálicas fixados no fundo dos olhos. O ápice desse evento grotesco chegou quando o Nestor ensanguentado surgiu pelado no corredor, chamando-o:

— Chiquinho, não fuja!

***

Não tinha certeza de onde tirou tanta energia para sair da escola, mas em pouco tempo conseguiu chegar em sua rua. O pandemônio se alastrava pela cidade, os veículos militares zanzavam perdidos e os civis corriam sem certeza de contra qual inimigo lutavam. Ao longe era possível ouvir o som de sirenes e nos céus várias línguas de fumaça elevavam-se, tomando Morro do Soturno.

Estava quase entrando no pátio quando notou a movimentação suspeita. Cuidadosamente, escondeu-se do lado de fora do muro de casa, olhando a janela do quarto. Dois Nestores estavam lá dentro, procurando-o. Os olhos inundaram-se ao constatar a terrível perspectiva: estava sozinho no mundo. Porém, de modo inesperado, ouviu um cochicho distante, uma voz que com frequência ralhava com o menino:

— Filho, aqui!

A mãe estava viva, na casa da vizinha!

Ainda agachado, Francisco abanou, alertando-a para ficar em silêncio. Cauteloso, ele engatinhou até o pátio ao lado, saltou o muro e andou agachado até o alpendre. Antes de chegar, foi surpreendido com um estrondo. Jogou-se no chão para proteger-se e quando olhou para trás viu um jipe do exército derrubando um poste. Um soldado saltou do carro e correu em sua direção, juntou-o e carregou para dentro da casa, onde dona Rosa o aguardava.

A mãe abraçou o filho com todas as forças que tinha ao passo que o soldado trancou a porta.

— Eles estavam atrás de nós. Meu Capitão perdeu o controle e batemos. Fiquem calmos, eles não são muito espertos. Se ficarmos em silêncio, talvez corram para outro lugar.

Rosa não prestou atenção ao homem. Queria apenas sentir o filho mais uma vez. O soldado estava agoniado, olhava pela fresta da cortina, procurando seu perseguidor. No peito do uniforme, Chiquinho leu o nome e patente do Sargento Mendes. De repente, ele puxou a pistola do coldre e Rosa voltou ao planeta Terra:

— Ai, meu Senhor!

— Por favor, fique calma, isso vai acabar logo — disse o soldado: só queria ter me despedido melhor da minha família.

Francisco engoliu em seco, pensando em como esse sargento não levava jeito para trazer consolo.

Ficaram em silêncio, ouvindo a passeata do lado de fora. Devia ser uma centena de pessoas correndo. Havia discussão e xingamentos. Eram muitos, mas desorganizados e sem liderança:

— O motorista morreu…

— Tá, mas cadê o outro?

Ouviram um murmúrio e algazarra. Até que um dos Nestores disparou o fuzil, assustando os três que se escondiam.

— Muito bem, agora todos calaram a boca! Vocês são uns idiotas! Olha, ali é a casa do Francisco…

— Bah, é mesmo…

— Sim!

— Silêncio! Vamos ver se ele está em casa.

Os passos seguiram por mais um trecho até o líder tomar a frente:

— Chico, está em casa? Vamos dar uma volta?

— Olha, tem alguém se mexendo lá dentro!

Mendes observava apreensivo. Não enxergava os moradores da casa ao lado, mas ouviu a porta ranger enquanto abria. Ele colocou a mão na maçaneta, pronto para intervir. Chiquinho pousou a mão sobre o ombro do Sargento, impedindo-o.

O fuzil foi disparado mais uma vez, agora em direção a casa do amigo de Nestor:

— Puta que pariu! Tu matou um dos nossos!

— Que merda! Desculpe!

Em sincronia assustadora, todos bateram os pés no chão. Estavam cansados e a moral só baixava. Ficaram conversando com aquela voz irritante, em meio a gritos e xingamentos. Por fim, outro tomou as rédeas da situação:

— Pessoal, vamos para a escola! Lá está bem mais divertido. Acho que vamos dormir por lá.

Eles aclamaram em uma bizarra assembleia e seguiram até seu destino.

***

Mendes suspirou em alívio, guardando a pistola de volta ao coldre e feliz por não ter que usá-la:

— Muito bem, precisamos traçar um plano pra sair daqui. Vocês sabem onde podemos arranjar um carro?

— Temos o velho Opala do meu marido, mas não sei se está funcionado. Faz tempo que não usamos.

— E onde está esse carro?

— Acho que não devemos sair de Morro do Soturno — disse o pequeno menino, ainda nos braços da mãe.

— Do que está falando, moleque. Você viu muito bem o que acabou de acontecer?

— Vi e é por isso que tu tem que ficar.

— O que tu está dizendo, filho?

O menino se levantou, ficando de frente para o Sargento. De joelhos, o homem tinha quase a mesma estatura de Francisco:

— Eles acabaram de dizer que estão reunidos na escola. Todos.

— Não seja doido, moleque. Só tenho uma pistola! E o que você e sua mãe fariam enquanto em me sacrifico por nada, cantariam um hino de louvor? Eu não sou suicida, rapaz!

— Eu tenho um plano…

— E eu não estou a fim de brincadeiras de criança.

O Sargento levantou-se, abrindo a porta. Dona Rosa esticou o braço, segurando-o pela calça:

— Escute meu filho. Talvez isso te dê chance de rever a família.

Ele cruzou os braços e, a contragosto, respondeu:

— Tá bom, desembucha, moleque.

***

— Isso é uma puta estupidez — disse o Sargento Mendes na direção do Opala 74 do marido de Rosa.

O carro vermelho estava desbotado pelo desgaste do tempo. Os pneus pareciam ter visto pelo menos onze presidentes. Gemeu ao tentarem fazê-lo ligar, mas cedera e, por fim, estavam rumo a mina.

O centro da cidade era uma zona pós-apocalíptica. Carros em chamas e corpos espalhavam-se nas vias. As casas estavam com os vidros quebrados e móveis jogados pelos pátios. Evitaram passar por perto das ruas que davam acesso à escola e por isso a viagem foi um pouco mais longa.

— Falta muito até lá? — Perguntou Mendes.

— Não, é no fim desta avenida, mas…

— Mas o que, moleque?

— Vamos passar em frente a casa do Nestor.

— Vixe Maria! Você tá de brincadeira, certo?

O Sargento pegou a arma em punho e seguiu dirigindo a velocidade reduzida. Chiquinho se esticou no banco traseiro e apontou a construção de madeira onde os Craveiro moravam. Não havia movimento em volta do terreno. Era uma residência de origem humilde, pequena e com péssimo acabamento. Na frente dela, uma espécie de poste negro lançava grande quantidade de fumaça azulada aos céus. De longe, não conseguiram identificar o que se tratava. Porém, mais de perto, viram a forma humana empalada no pátio da frente. Era o destino perverso que Nestor planejara ao pai.

O pequeno Francisco não queria se iludir. Por mais que o trajeto até a pedreira parecesse fácil, sabia o desafio que o esperava no retorno. Buscava força naqueles que permaneciam com ele, embora fossem poucos. O que realmente importava era ter a mãe junto de si. Olhou para dona Rosa e a abraçou. Ela sorriu de modo engraçado e apertou o filho com força.

Pouco tempo depois, chegaram a pedreira. Estava abandonada. Não havia ninguém por ali, nem o irmão de Nestor. Isso era um bom sinal.

Mendes desceu do carro e Francisco foi logo atrás, mostrando o caminho para a casa vermelha. Rosa preferiu ficar no Opala, estava enjoada de tanta morte.

Correram pelo estacionamento até a administração. O Sargento arrombou a porta e Chiquinho mostrou onde as chaves ficavam. Não havia nada escrito nelas, de modo que não tinham como saber qual era a correta. O menino pegou todos os molhos e enrolou-os na camisa. Saíram da administração e correram até o abrigo das dinamites. Havia três cadeados como segurança. O Sargento olhou para as dezenas de chaves na camisa do garoto, suspirando

— Isso não vai dar certo, moleque.

O ronco do motor do Opala pegou os dois de surpresa. Dona Rosa ganhava velocidade em direção a eles. Mendes pegou o menino no colo e saiu correndo a tempo de evitar o impacto. Depois que a poeira baixou, pode ver melhor o estrago, percebendo que Rosa não queria atropelá-los, mas abrir uma porta alternativa:

— A senhora está doida? Quase me matou do coração! — Soltou Chiquinho no chão e foi ao encontro da mãe do menino: a senhora podia ter explodido tudo!

— Eu só quero terminar logo isso.

— Tivemos muita sorte, isso…oh, droga! — De súbito, Mendes sacou a pistola: espere aí, garoto! - Mas Chiquinho já estava ao seu lado.

Embora a boca de Rosa mexia-se, o rosto não mudava de expressão. Estava descolado da cabeça, quase na etapa final de transformação. Ao ver o estado da mãe, o menino perdeu as esperanças e desabou no chão aos prantos.

— Ainda sou eu, filho. Acredite. Eu estou aqui.

Sim, ainda era a voz de Rosa, mas por quanto tempo?

Sentiu um vazio no corpo. O mundo desabava a sua volta. O menino começou a lacrimejar até a mãe aproximar-se. Rapidamente, ele enxugou as lágrimas que brotavam.

Ela olhou nos olhos do filho, segurando o aperto no coração. Sabia de seu destino e no que estava prestes a se transformar. Virou para Mendes, pedindo:

— Por favor, Sargento, vamos acabar logo com esse plano.

— E com qual carro?

— Tem dois caminhões no estacionamento e estão com as chaves.

— Eu sei, mas estava gostando do Opala.

***

A viagem à escola foi silenciosa e amarga. Chiquinho não encostou mais na mãe e, por segurança, Mendes amarrou-a pelos pulsos. A pele, que certa vez pertenceu a Rosa, adquiriu cor esverdeada e aparência envelhecida. A capa que cobria a nova versão de Nestor iria se desmanchar como um casulo.

Mendes parou o caminhão, segurando a embreagem bem no fundo:

— E agora, moleque? Temos explosivos suficiente para mandar essa cidade para os ares. Como vamos colocá-los lá?

A escola estava no fim da rua. Havia festa dentro do prédio e fogos de artifício eram lançados no pátio dos fundos. Sentia um frio na barriga, do mesmo jeito que sentiu ao começar essa bagunça.

— Eu conheço o Nestor. Ele não é muito inteligente, mas sabe o desfecho que o aguarda. Já assistimos muitos seriados de super-heróis juntos. Acho que temos que ser cautelosos e bem rápidos.

— Vocês eram bons amigos, então?

— Não tenho muita certeza.

— Sei.

Ouviram um gemido. A mãe de Chiquinho se encolheu no canto da cabine, chorando. De imediato, o menino foi acudi-la. O pranto, porém, era um embuste e o novo Nestor gargalhava sob a pele de Rosa. Na verdade, era a união dos dois, um Nestor/Rosa. Apoiou os punhos no abdome e puxou, fazendo a pele velha sair com o lacre que o prendia.

— Surpresa!

Nestor/Rosa pegou o garoto pelo pescoço sacudindo-o no meio da cabine. O rosto deformado de seu melhor amigo misturava-se com a pele morta da mãe e parecia ter saído do pesadelo mais horripilante que já tivera. Mendes sacou a pistola e disparou, arrancando uma das orelhas da criatura. Ele respondeu jogando Francisco para cima da arma, empurrando-a para a boca do Sargento, onde disparou pela última vez. Sangue e pedaços de cérebro do Sargento pintaram a cabine. Quando o corpo cedeu, tirou o pé da embreagem e o caminhão começou a andar. Havia deixado engatado! Num instante de distração de Nestor/Rosa, Francisco levou as mãos ao rosto desfigurado da mãe. A pele escorregava sobre a carne, como uma máscara do dia das bruxas. Apertou o tecido morto e a cabeça de Nestor saiu de dentro do rosto de Rosa. O mesmo olhar insano, as bochechas inchadas e o sorriso sinistro ressurgiam.

Assim como aconteceu com a professora, essa versão não conseguia enxergar. Havia muito sangue e pus em seus olhos. Isso deu tempo para Chiquinho se desprender do atacante, subir no banco do motorista e ajeitar a direção rumo ao seu final heroico e explosivo.

Esteio, 16/07/2016

Fim

CIDADES FANTASMAS

Fernando Creed

As coisas de que lembro são muito vagas, não sei como consegui escapar daquele lugar fedido em Laranjeiras no Tocantins. Eu era vendedor do Morgan Atacadista, uma empresa multinacional Chilena do ramo de alimentos.

Aluguei um quarto no único hotel daquela cidade para o pernoite, mas depois que soube do estranho surto da maldita febre, que estava ocorrendo em alguns estados brasileiros, "fiquei em pânico", nunca pensei que uma simples gripe pudesse mudar tanto o comportamento das pessoas. Diante de um mero espirro ou tosse, as pessoas olhavam de olhos arregalados e procuravam se afastar, como o diabo que foge da cruz.

Talvez aquilo não fosse apenas uma febre ou gripe passageira como estavam dizendo alguns médicos entendidos em entrevistas na TV.

O que vi quando estava hospedado em Laranjeiras, fez mudar minha opinião sobre os últimos acontecimentos.

Entretanto quando assisti o noticiário no quarto daquele hotel barato, simplesmente não acreditei! O apresentador do telejornal local falava de uma cidade de Minas, conhecida como Capinzal do Oeste, onde oitocentas pessoas sumiram do mapa em menos de seis horas. Todos os habitantes daquele lugar haviam desaparecido sem deixar vestígios.

Pessoas sumindo? — Pensei comigo, e essa febre nos estados do norte, nordeste e centro-oeste, e o maldito surto de gripe no sul e sudeste lotando hospitais em todos os estados!

A notícia de fato me assustou — De algum modo eu lembrava vagamente de ter passado por aquela pequena cidade de Capinzal do Oeste em Minas.

Não que eu tivesse me tornando um hipocondríaco, mas aquelas notícias me levariam na manhã seguinte até a farmácia mais próxima, onde compraria uns antigripais para me prevenir.

Achei um pouco estranho não haver ninguém na recepção do pequeno hotel - onde a porta da entrada estava misteriosamente escancarada.

Entretanto, enquanto caminhava por aquela rua estreita lotada com casas populares, construídas de forma igual que chegava a embaralhar a vista, comecei a perceber coisas estranhas; sei que são poucas as pessoas que vivem nesses lugares perdidos do interior, contudo enquanto vagava pela rua silenciosa, ficava cada vez mais espantado com a falta de habitantes naquele lugar.

Na noite passada quando me hospedei naquele hotel do início da rua – havia várias pessoas, e me recordo claramente das duas que estavam na recepção. Era um senhor grisalho e uma menina que talvez tivesse entre seis e sete anos.

Ela estava sentada naquele sofá surrado perto da entrada brincando com alguma coisa que não me lembro, mas não me esqueço da frase que aquele senhor me disse: — "Se for só para passar a noite o pagamento tem que se adiantado".

Aquelas lembranças foram rapidamente esquecidas quando cheguei diante da única farmácia da cidade, já eram nove horas da manhã e vi com espanto uma placa escrita: fechado.

Apesar da frustração resolvi continuar caminhando até a praça, era tudo muito perto, era visível que aquela era a rua principal, pois era a única que possuía calçamento de lajotas mal colocadas e lixo acumulado na beirada.

Vi outra rua que levava por um caminho sem calçamento, para lugares sombrios e não ousei seguir por aquela direção.

Continuei andando com certa apreensão e cautela, olhava de um lado para o outro tentando encontrar algum sinal de vida - foi quando observei alguém deitado sobre a grama ressecada do jardim perto do chafariz. À medida que me aproximava fui tomado por uma estranheza e um profundo medo do desconhecido.

Quando cheguei próximo do que parecia ser uma pessoa, tive um sobressalto ao perceber a coisa, devo chamar aquilo de coisa, pois era uma gosma aguada que pulsava e borbulhava como se estivesse fervendo.

De algum modo àquilo era o que sobrou do que fora uma pessoa, e agora não passava de um montículo grotesco que vazava de dentro das roupas encharcadas e vazias.

Enquanto olhava para aquela cena inacreditável, surgiu do nada uma mulher gritando por socorro - ela correu de forma desajeitada na minha direção, tropeçando numa lajota e caindo estatelada no chão. Fiquei atônito com aquilo, mas o que vi em seguida me deixou pasmo, aquela mulher começou a tremer e a se debater como um peixe fora d'água.

De repente ouvi um barulho estranho, como o som de alguma coisa fritando e vi o rosto dela se deformar e alongar de forma assustadora, ela olhou para mim e vi a face dela enrugar e avermelhar como se estivesse incandescente, foi um choque ao vê-la derreter diante dos meus olhos. Foram apenas alguns minutos para finalizar aquela transmutação horrenda.

Logo ela estava igual àquela coisa que acabara de ver perto do chafariz: um montículo borbulhante que parecia ferver.

Aquilo me pareceu loucura e a princípio pensei estar perdendo o juízo e tive a certeza que era tudo real, logo que percebi mais formas iguais àquelas que se multiplicava por dezenas de metros.

Roupas vazias se perdiam de vista, elas estavam em todos os lugares como se as pessoas houvessem derretido ou vazado.

De repente me lembrei do hotel e da notícia sobre Capinzal do Oeste que na noite passada havia visto pela TV. Dei meia volta e corri como um louco fugindo daquele pesadelo. Eu talvez fosse o único sobrevivente a amanhecer vivo naquela cidade fantasma, que mais parecia um buraco sem saída.

Devo ter perdido os sentidos, pois acordei em um quarto de hospital na cidade de Brasília-DF.

Estava deitado numa cama confortável e ao abrir os olhos vi perto da porta uma enfermeira sentada, uma senhora com voz calma e cabelos grisalhos - ela me contou que uns soldados me encontraram exausto e a alguns quilômetros da pequena cidade de Laranjeiras, falando palavras sem sentido.

Talvez estivesse em estado de choque, de algum modo lembrava muito vagamente das coisas que vi naquela pequena cidade no Tocantins.

Certamente todas as pessoas haviam sumido de lá também e aquela senhora me falou que de algum modo eu era resistente à infecção que estava se propagando pelo Brasil a fora.

Talvez no meu sangue tivesse a cura para aquela coisa que sugava a água do corpo das vítimas reduzindo-as em grotescos montículos.

Ela me contou também que a mesma coisa havia acontecido em Capinzal do Oeste, três dias antes de eu ter dado entrada naquele hospital.

Segundo ela os relatos pouco convincentes dos investigadores que foram até lá não ajudaram, porem fontes externas informaram que a maldita doença era de origem extraterrestre e havia sido levada por um andarilho desconhecido que chegara até Capinzal do Oeste de madrugada.

Alguns dos prontuários encontrados no pequeno posto de saúde falavam das primeiras vítimas da peste. Não havia muita informação de como age o maldito vírus carniceiro, que parece fervilhar as vítimas, no entanto se sabia que a febre parece atingir quarenta graus em segundos - a tremedeira vem em seguida, depois à vítima parece murchar enrugar e derreter como se fosse feita de cera; parece até bruxaria.

A enfermeira fez uma pausa, respirou fundo e voltou a contar o fato.

Uma das coisas que em cidade pequena é muito comum é que todos se conhecem, porem ninguém sabia quem era e de onde viera aquele estranho andarilho carregando a maldita praga.

Com certeza era um daqueles abduzidos que são levados para os testes daqueles malditos cinza cabeçudos de olhos negros ovalados.

Ela levantou da cadeira, se aproximou de mim e continuou.

No laptop do médico, encontrado no posto de saúde haviam algumas fotos tiradas durante a tentativa de curar alguns pacientes, mas a coisa é muito contagiosa e parece que é transmissível até mesmo pelo ar.

As fotos encontradas mostravam os estágios da doença, que começava de repente com uma febre e logo vinha à tremedeira e o total vazamento dos líquidos corpóreos.

Em seis horas não havia mais ninguém vivo em Capinzal do Oeste, a não ser aquele vento nordeste irreal que soprava silencioso nas ruas cobertas de lixo.

Passados quarenta e oito horas devido à falta de comunicação com aquela pequena cidade de Minas, alguns homens do governo foram até lá, e o que encontraram deixou todos assombrados.

Apesar de lerem alguns dos prontuários médicos no hospital os investigadores não revelaram o que havia acontecido naquela cidade, mas disseram que oitocentas pessoas haviam desaparecido em dose horas como se tivessem derretido.

Uma fonte não oficial nos relatou o que de fato havia acontecido:

Fugindo de lá rapidamente aquele fotógrafo retratou o caos, disse não ter aguentando o mau cheiro, o fedor atraíra um grande número de urubus agourentos, que desfilavam buscando alguma carcaça perdida nas praças e ruas estreitas daquele lugar.

Ele se apressou em abandonar aquela cidade fantasma ao ver alguns homens do governo usando roupas especiais, como aquelas dos astronautas, com certeza os cientistas vasculharam a cidade, mas não encontraram nada além dos sinistros urubus, que insistiam em bicar alguma coisa nas ruas encharcadas com aquela água estranha e salobra vazada dos corpos atingidos pela praga - havia roupas, sapatos, cintos, todos espalhados sobre aquele liquido gosmento e fedido.

O governo federal decretou quarentena e o exército foi mobilizado isolando muitas cidades, inclusive o CDC enviou um famoso especialista americano em epidemias, que desembarcara dois dias atrás no Galeão. Ele chegou esta manhã em Brasília.

Quando aquela senhora terminou de contar sobre aqueles acontecimentos a porta do quarto se abriu e entraram dois sujeitos vestidos totalmente de branco.

Aquilo que vestiam, eram com certeza roupas isolantes.

Havia um enorme capacete ligado por tubos a um cilindro de oxigênio preso as costas e carregavam uma maleta branca. Um deles agiu muito rápido: Abriu a maleta e retirou umas seringas, em seguida coletou o meu sangue depositando em pequenos frascos esterilizados.

Não era possível ver os rostos deles, por causa da viseira espelhada do capacete retangular. Em seguida saíram, talvez levando naquelas ampolas uma esperança de cura para a maldita praga.

Não sei quanto tempo ficarei neste quarto, nem se verei o mundo de novo.

Dizem que a coisa lá fora já está sob controle e que a praga fora exterminada.

Mas eu me pergunto algumas vezes por que não me deixam sair.

Aquela senhora grisalha vem todos os dias me trazer a comida e um remédio, também sou visitado por um homem vestido totalmente de preto duas vezes por semana e ele me faz perguntas estranhas que muitas vezes não sei responder.

Da última vez que esteve aqui, ele me perguntou de que planeta eu tinha vindo e porque tinha espalhado aquela maldita praga.

Fim

VENDAVAL DA MORTE

Carlos Henrique Fernandes Gomes & Iolanda Pinheiro

em memória de Erasto,
pai de Carlos

Por volta das quatro da madrugada acordei com um barulho de alguma coisa pesada caindo. Sabe quando a gente acorda subitamente e leva algum tempo para saber onde está? Logo me recordei onde estava: havia adormecido no sofá da sala.

Fiquei imóvel na escuridão e apurei os ouvidos. Se fosse alguém, os cachorros da vizinha latiriam.

O vento assobiou alto, sem aviso, derrubando mais coisas no quintal. Respirei mais aliviado, era apenas uma rajada mais forte. Fiquei com preguiça de ir para o quarto, fechei os olhos e tentei dormir. Não consegui, o uivo do vento me incomodava.

O sono não vinha, então comecei a pensar na vida e me lembrei de uma história que meu pai contou, que aconteceu quando ele era criança, na fazenda do meu avô, mais ou menos em 1940, lá em Monte Santo de Minas:

No meio da noite começou a ventar forte. Dava impressão que a casa ia cair, mesmo sendo um casarão bem feito, sólido, com bom acabamento. Meu avô quis sair para ver o que acontecia, abrigar os bichos, avaliar estragos, e minha avó, prudente que era, já que o vento ainda assobiava, segurou a fera.

Minhas tias, que eram quatro, ainda adolescentes, puseram-se a rezar com medo. Meu tio e meu pai riam delas. Era a oração deles; também sentiam alguma coisa ruim.

Fora o barulho do vento, o silêncio era o de uma cova. As vacas pararam de mugir, os cavalos não relinchavam, os cachorros não latiam, as galinhas não se alvoroçavam, apenas o milharal, distante, farfalhava estranho por demais.

Minha avó levou os filhos até diante do oratório, e fez todos rezarem.

O dia quase que amanhecia quando o vento foi embora do mesmo jeito que chegou: sem avisar. Os passarinhos não cantaram e os galos não deram sinal de vida. Até os insetos da noite pareciam ausentes.

Meu avô os mandou ficar onde estavam, pegou a espingarda, um lampião e saiu. Quando ele abriu a porta, um cheiro estranho entrou na casa. Era um cheiro de folha, terra e madeira seca, misturado com um cheiro de coisa morta da semana passada.

Meu pai pegou outro lampião e foi atrás. Pai e filho viram o cenário devastado que restou. Tudo que outrora teve vida, não tinha mais. Era como se aquele vento tivesse levado toda a água das árvores, das plantações, do gado, dos porcos, dos cães, dos cavalos, do chão, do poço, do açude, do ar, de tudo.

Os únicos corpos que ainda tinham água e vida eram as oito pessoas que ficaram dentro de casa.

Havia muitos passarinhos espalhados pelo chão. Meu pai pegou um e o bico do bichinho caiu, sentiu alguma coisa se mexer dentro, soltou a ave no chão e foi andando para trás, esfregando a mão na calça do pijama, tentando limpar o nojo que sentia, fazendo outros passarinhos estalarem sob seus pés descalços. Os órgãos dos passarinhos estavam como pedregulho dentro das pequenas carcaças secas e os olhinhos abaulados para dentro.

Os ovos das galinhas quebrados mostravam a gema como uma pedrinha marrom enrugada, sob a luz do lampião. Os olhos do gado pareciam cascas de jabuticaba chupada, penduradas por um ramo seco de trepadeira, e brilhavam sinistros.

Onde era a lagoa dos patos sobrou só terra dura e rachada, com os patos murchos, de penas soltas e os bicos desgrudados das cabeças. Perto da boca dos cachorros os dentes estavam jogados pelo chão e com os passos de pai e filho, a poeira fina de terra seca subia em nuvens minúsculas.

As folhas das árvores estalavam por toda parte, os excrementos dos bichos viraram montes disformes de pó com um cheiro acre de coisa que morreu há algum tempo. Um cheiro nauseante. O poço desmoronou com estrondo e dele saiu uma nuvem de terra fina. A única água que sobrou era a que estava dentro de casa e nos corpos das pessoas da família.

Os cascos dos cavalos, do gado e dos porcos desgrudaram das patas como brinquedos de montar, os chifres dos bois estavam tombados perto das cabeças. O couro rasgado, com pelos ralos, deixava aparecer os ossos e, lá, dentro do oco negro, pareciam se mexer sob a luz bruxuleante do lampião.

Quando meu pai viu seu cavalo naquele estado, caiu de joelhos e berrou todo seu desespero. Um eucalipto partido lá de longe, naquela hora, caiu perto deles como um gigante morto, fazendo tremer o chão, levantando uma nuvem alta de pó.

Meu avô olhava a sua volta, chorando por dentro, com a espingarda inútil numa mão e o lampião erguido pela outra. Nunca haviam visto nem imaginado nada como aquilo. A aurora surgiu para os lados do milharal, mais rápido que o normal ou assim pai e filho acharam que fosse. Do negro ao azul escuro, azul turquesa, azul-vermelho, vermelho e, enfim, as chamas de um novo dia.

"As chamas de um novo dia"; era assim que meu pai se referia àquele amanhecer. Acho que uns cinco anos depois, a família mudou-se para São Paulo. Meu avô não se recuperou do prejuízo financeiro nem da perda do que construiu dando tudo de si e veio para cá, bastante doente, morrendo pouco tempo depois. Na família ninguém fala disso; desconversam, se incomodam.

Cheguei a pensar que fosse lorota do meu pai, mas um dia fui pesquisar o causo na internet. Encontrei algumas referências, em tom de lenda, de um tal de "vendaval da morte" e também algumas fotos tiradas após um desses vendavais. Mas o que me chamou a atenção foi o que encontrei num blog obscuro, que não era atualizado havia um bom tempo.

Noticiava a destruição causada por um vendaval na cidade de Olímpia, interior de São Paulo, em 2012. Nos jornais locais encontrei apenas referências ao evento e os prejuízos causados. O blog mencionava mortes de pessoas e animais. As fotos mostravam o gado como meu pai havia descrito, as galinhas, os cachorros, porcos, mas quando vi as fotos das pessoas...

Esse blogueiro foi atrás de explicações e nesse período o blog deixou de ser atualizado, mas as últimas cinco postagens fizeram referência à suspeita de que experimentos alienígenas vinham ocorrendo havia bastante tempo no Brasil. Claro que não dei crédito a essa besteira, porém também afirmava que após outras ocorrências desse vendaval, algumas pessoas adoeceram lentamente e poucas viveram por mais de cinco anos. Ele relatou sintomas como os de um câncer se agravando ao longo dos anos: perda de peso, febres, dores todos os dias, na maioria das vezes dor forte e fadiga. Só que não citou nenhuma fonte de pesquisa que desse alguma credibilidade à notícia. Se falasse de alguma experiência militar ou algum agente químico industrial, até faria algum sentido, mas alienígenas...

Mesmo assim, juntei o que li e vi nas pesquisas, mais o que ouvi do meu pai e fui fazer uma visitinha para minha tia mais velha. Ela é um doce, mas naquele dia, diante do meu questionamento, ficou muito abalada. Quando toquei no assunto, seus olhos se encheram de lágrimas, a respiração ficou pesada, a pressão subiu. Acho que é por isso que não sou mais convidado para festas e reuniões familiares...

Resisti a acreditar que esse "vendaval da morte" pudesse ser verdade.

Ainda mergulhado na lembrança disso tudo, tomei um susto com um barulho vindo da rua que parecia ser uma batida de carro. O vento lá fora ainda estava forte, tentei acender o abajur ao lado do sofá, mas a luz devia estar queimada. Achei o celular e vi que já eram 4:50h da manhã. A cidade acordaria a qualquer momento e o ruído cresceria rápido lá fora, como uma onda que chega à praia.

Fui acender a luz da sala, mas não estava funcionando. No escuro que começava a se desfazer, quase tropecei na mesa de centro. Afastei a cortina com receio do que veria lá fora, mas o poste estava apagado.

Fiquei olhando pela fresta da cortina até que as primeiras luzes do dia começassem a se coar por entre folhas do Ipê em nosso quintal. Da distância em que eu estava, dava para ver as lindas folhas amarelo-vivo ressequidas e se desprendendo dos galhos.

A desolação daquele jardim era um prenúncio de morte.

Nenhum pássaro, nenhum cão, nenhum pedestre caminhando na calçada. Apenas o vento silvando seu agouro como um corvo.

Meus devaneios foram quebrados pelo som de alguma coisa se enroscando pelas grades do portão fazendo o ferro entortar e sibilar como um gemido de despedida.

A coisa lá fora avançava pela estrutura do muro e abria buracos no chão.

Estava vindo, se aproximando, chegando até a casa.

Finalmente o sol começava a brilhar e o silêncio que se seguiu deu algum alento ao meu coração.

Estava na hora.

Tomei coragem e abri a porta.

Fim

Pandemônio

Jana Nascimento

"Era uma vez uma linda e saudável princesa que vivia em um condado feliz e ensolarado..." Merda, eu não consigo pensar desse jeito.

Minha história poderia ser contada como um conto de fadas, mas minha cabeça latejava diante da angústia do que tinha acabado de ouvir. Os pensamentos viajavam até o passado, quando eu realmente era uma menina boa e depois, as cores embranqueciam até se apagar no tom de cinza mais feio que podia existir ao contemplar o futuro seco e morto que eu teria. Se eu tivesse um.

Como eu disse, eu já fui uma menina boa. Mas as palavras que me chocaram nesse instante me fizeram mudar de atitude diante de todos, diante da vida medíocre que eu levava.

A bondade havia me deixado imbecil, sempre querendo ajudar e agradar todo mundo.

Depois das dores, dos desmaios e falta de ar, eu descobri que não estava somente com gripe, nem diarreia, nem pneumonia, nem asma, nem HIV, nem mesmo câncer; eu estava com uma doença incurável causada pela própria desorganização das células do meu sangue. Era como se ele tivesse causado uma rebelião contra si mesmo e uma das células começasse a agir como um vírus mortal.

A doença atacava todos os tecidos e órgãos do corpo, alimentando-se de tudo o que havia em mim como um parasita maldito. No meu caso, a doença estava começando a se manifestar como uma intensa gripe, me deixando com dificuldade para respirar, empalidecendo minha pele e me enfraquecendo. Eu parecia um zumbi, com olheiras que nunca sumiam e a pele pálida como um frango cru. Eu tossia sem parar quando tinha crises e respirava com dificuldade.

Agora, a vontade de continuar e de ter uma vida normal havia sido desfeita, assim como minha capacidade de consideração, respeito e afeto foram se destruindo com o tempo, tornando-se apenas palavras. Incrível como ideais modificam o ser humano, mas perdem o poder diante de situações desalentadoras. Primeiro, eu resisti em aceitar. Depois, veio o sonho de ser apenas saudável. Mas isso foi há dez anos quando eu ainda tinha oito anos e sonhava em ser uma princesa.

Eu havia me tornado uma crápula, suja e sem coração... com aqueles que mereciam.

Na realidade, eu fingia que havia uma luz no fim do túnel toda vez que ia ao posto de Saúde pegar meu soro injetável. Era um líquido vermelho que eu precisava ser injetado na veia uma vez ao dia.

Já que eu tinha que injetar suquinho nas veias, nada me impediria de tomar álcool ou fumar... O que podia ser pior que viver como uma morta-viva?

Jamais tive coragem para contar às pessoas sobre a doença, disfarçando bem dizendo que era só uma virose. Só meu meio-irmão sabia.

Estávamos os dois, na sala de casa, terminando de nos vestir e checar o visual na frente do espelho antes de sairmos. Deve ter sido esse momento que me fez relembrar meu passado. Estamos em outubro, mês de Halloween... fazia dez anos que descobrira que estava doente.

Há dez anos estávamos nos vestindo com fantasias de Freddy Krueger e Jason. Felizes com a festa e animados diante da expectativa de ganharmos chocolate e doces deliciosos, seria praticamente impossível imaginar que, no dia seguinte, ocorreria minha primeira tosse com sangue.

Lembranças me faziam chorar, então, voltei o olhar para meu irmão, tão sorridente quanto uma adolescente que dança com o seu primeiro crush.

Mas haviam motivos para comemorar. Também fazia um ano que estava namorando e isso queria dizer que hoje à noite eu ia fazer sexo.

Acendi um cigarro e traguei profundamente. Bebi um pouco da uma vodka com maracujá e cai na gargalhada assim que coloquei os olhos em Biel, meu meio-irmão inteiramente gay. Aliás, Gabi como ele queria ser chamado.

"Eu não posso sair de casa hoje, Beer." Disse Gabi, um tanto estressado. Ele era bem magro com um cabelo loiro comprido e usava um tridente e roupa vermelha como fantasia.

"Por quê? Foi você quem começou essa palhaçada. Agora vai dar para trás?"

"Eu sempre dou para trás, amore." Rimos juntos dessa vez. "Mas sem ironia... Não posso sair."

"Por quê?"

Gabi pegou o cigarro da minha mão e, depois de tragar, disse. "Donzelas virgens morrem primeiro nos filmes, gata. Hoje é noite das bruxas!"

A gargalhada ecoou pela sala, me animando. Tudo o que eu queria era tirar a ideia de ter uma crise ou de piorar e Gabi me ajudava nesse sentido. Ele não me deixava desanimar, jamais.

De certa forma, era como se eu tivesse a certeza de que, se saísse de casa, não voltaria. O medo fazia parte da minha rotina, mesmo que eu fingisse.

Terminamos de nos arrumar e saímos, confiantes na diversão que o Halloween prometia.

O letreiro luminoso na porta da boate "Twister" dizia "benvindos", em contraste com as pessoas mal-encaradas que estavam lá dentro do espaço escuro e quente que chamávamos de boate. Na verdade, um quadrado cheio de gente, um palco e um bar.

Rolava de tudo ali dentro, desde mulheres dançando sem roupa, mas nem sempre, casais fazendo sexo nos corredores e banheiros, e pessoas usando drogas na frente de todo mundo.

O que eu estava fazendo ali dentro?

Confraternizando com pessoas do meu nível. Eu não era uma princesa; era uma coadjuvante sem brilho, esquecida, uma estranha no meio de uma multidão de humanos saudáveis. Quem iria imaginar que justo eu era a pessoas mais esquisita naquele lugar?

Piercings, tatuagens, roupas de couro, rasgadas, gente drogada, descabelada, sem dentes, sujas, mendigos, prostitutas e bêbados, eram a realeza, a nobreza perto de mim, a morta-viva.

Minha fantasia era de noiva cadáver. Meu vestido era um tecido esfarrapado, de um branco imundo e minha maquiagem que imitava escoriações e podridão era bonita, levando em conta que eu estava morta (e esse era um trocadilho em relação à minha saúde que só Gabi entendia.)

— Esse seu humor negro, Beer... vai acabar com sua vida social. — Disse Gabi ao tirarmos uma selfie.

Um amigo de Gabi se aproximou e nos cumprimentou.

"Você está deslumbrante, gata. Mas quando você não está?" Era Kimberly, uma travesti gostosona que dançava só de biquíni na boate, onde estávamos.

Confesso que, devido à minha brancura e magreza notáveis, deram um toque de sensualidade à minha fantasia.

"Não mais linda que você." Respondi.

Aproximei-me do balcão acompanhada de meus amigos, à espera que meu namorado Alex, aparecesse logo. Ele estava demorando.

"Uma vodka com limão, sem açúcar, por favor." Pedi à garçonete, enquanto Gabi e Kim pediam outras bebidas de mulher.

"Credo, Beer. Pelo menos uma colher de açúcar para acentuar o sabor." Disse Gabi.

"Açúcar e bebida doce é coisa de maricas. Eu quero o meu puro."

"Isso. Faça isso. Daqui a pouco você vai precisar de soro na veia." Encarei Kim, que se desculpou devido ao fato de eu sempre precisar de soro.

"Mas que ironia, hã?" Respondi com um sorriso.

Todo mundo sabia que meu apelido era Beer porque eu me chamava Amber Skolnick, como sempre pedia uma skol...bem, você já deve ter entendido a razão do meu apelido irônico.

Na pista, havia alguns casais dançando, outras pessoas cheirando cocaína na parte de cima da boate, outras chegando com roupas sensuais e alguns cafetões armados e traficantes- que eu identifiquei porque comprava drogas e outras substâncias deles. O lugar estava cheio.

A noite em São Paulo era sempre assim. Não importava o dia, horário ou se você tinha dinheiro ou não, se queria bagunça e vadiar, era só entrar no movimento. Era assim que a gente chamava o que acontecia na madrugada.

O barulho se intensificou. Eu já não sabia onde estavam Kim e Gabi, muito menos meu namorado Alex.

Não sei se devido ao álcool ou porque ainda não tinha tomado meu soro, mas eu estava cada vez mais sonolenta e fraca.

Comecei a andar ao redor da multidão. Rostos diferentes, sorridentes, amáveis, com raiva, velhos, novos, com máscaras bizarras e com sorrisos grotescos; todos estavam cada vez mais distorcidos diante dos meus olhos cansados e ardidos pela luz pulsante da boate.

Foi nessa confusão de gente drogada, suada, fantasiada desde anjos à damas de ferro ensanguentadas que me deparei com o que eu não queria ver. Mas devia.

O espetáculo realmente começou quando, da tela de lcd pendurada numa das paredes atrás do balcão de bebidas, surgiu o rosto do Ministro da Saúde, em um alerta urgente que fez com que o som do ambiente parasse abruptamente e todos prestassem atenção.

"Boa noite povo brasileiro, é com profundo..." Desânimo? Profunda idiotice? O que eu estava fazendo ali? Por que as pessoas começaram a agir tão estranho, se movendo lentamente, vomitando e se debatendo? O que havia de errado comigo? Por que estavam me olhando com tanto desejo, como se eu fosse carne? Algo muito anormal estava acontecendo ali, algo sujo.

Minha mente buscava respostas para a atual situação na Twister. Mas parece que era tarde demais.

Ele continuou:

"... a partir de 30 de outubro até 31 de dezembro, todos, repito, todos aqueles que se encontram em situação de qualquer enfermidade, dirija-se ao posto de saúde ou Hospital mais próximo para a aplicação da vacina Cura Total. É assim chamado devido à sua capacidade de combate e cura total de toda e qualquer doença e a prevenção de novas doenças. Agradecemos à todos pela colaboração com o Plano Nacional de Prevenção e Cura."

Que lindo. O mesmo blá blá blá de sempre para forçar a população a ficar ainda mais doente. Eu estava acostumada com essas mentiras e sabia que nenhuma vacina ia curar todo mundo. Porém, não era o que as pessoas pensavam.

Muitos já estavam se encaminhando para os Hospitais, acreditando que seriam curados. Acredito que metade da população já sorria diante do sonho... e que muitas pessoas já estavam vacinadas, pois, já haviam se passado 24 horas desde o início do período da vacinação.

Milhões de brasileiros enganados, cavando a própria cova. Era o que eu achava. Haviam me dito que eu também me curaria depois de dois anos de tratamento com o soro... ri, mais por insanidade do que por vontade. Em seguida, um vídeo mostrando a Presidenta, com A, Dilma, abraçando algumas pessoas falsamente felizes e saudáveis, enquanto um background musical dramático embalava a cena utópica.

Deus... como eu precisava de ar.

Pedi mais uma vodka com limão, dessa vez com bastante açúcar. Quem sabe o doce me ajudasse a engolir essa merda. Gabi e outros festeiros ingeriram uma pílula rosa shocking que, eu sabia muito bem, era um novo alucinógeno barato e a nova modinha do momento.

Sai de perto do aglomerado de gente e nem mesmo me assustei com o volume do grito animalesco que rasgou meus ouvidos, como se saídos de um pesadelo.

Como a voz não parava e outros urros se uniram ao coro, corri em direção ao som para checar se havia alguém ferido.

Havia muito mais que alguém ferido: uma pessoa estava com a boca escancarada, babando. Sua cabeça virou-se num impulso forte e seus olhos reviraram, deixando apenas a parte branca à mostra.

As pessoas ao redor se assustaram. Eu já tinha visto coisa pior em situações parecidas antes. Devia ser uma overdose, embora, não me lembrasse de ter visto alguém babar sangue negro antes.

Parecia uma convulsão. Primeiro essa pessoa, depois, outro e mais outro.

A boca abriu ainda mais, quebrando o maxilar, expondo uma língua negra e espessa de onde escorria um líquido gelatinoso verde, vermelho e negro. A pessoa vomitava, depois a pele parecia borracha derretendo.

Outros jogavam-se contra a parede. Tamanha bizarrice não cessou até o pior acontecer.

Uma dessas pessoas atacou cruelmente um dos participantes da festa. Ele foi mordido... mordido como se a pessoa tivesse fome e sede.

Aqueles que atacavam se tornavam cada vez mais agressivos, mordendo o pescoço de quem conseguiam e mastigavam sua carne cheia de sangue.

Esse era o tipo de momento em que a gente começava a valorizar a própria vida... simplesmente porque ninguém tinha escolha. Eu sabia que iria morrer, por causa da doença ou por essa droga... era só uma questão de escolher o jeito de morrer e não quando.

Uma mão em carne viva me agarrou.

Eu nunca tive medo na vida, mas dessa vez, acreditei que precisava ser menos arrogante e comecei a repensar meu papel nesse ambiente. Jamais ia esperar para ser atacada.

Até segundos atrás, eu era só mais uma bêbada à procura de um novo brinquedo insignificante em volta de um pinto, de repente, tornei-me uma lutadora.

Estávamos no meio de uma bagunça de sangue e gente correndo desesperada para fugir do ataque sanguinário das pessoas, agora que viraram monstros.

Ao olhar para o lado, deparei-me com um rosto desfigurado me encarando.

"Vamos fugir." Era Gabi. E lamentavelmente eu sabia o que ia acontecer.

Eu até queria fugir daquele lugar abafado e terrível mas suas mãos em carne viva me impediram de sair dali.

Gabi estava derretendo, assim como os outros. Questionei se ele também tinha alguma doença, mas me lembrei de que Gabi havia curtido o alucinógeno que eu sabia muito bem, era poderoso o bastante para transformar as pessoas em algo pior. Se já eram podres antes, agora estavam a um passo do inferno.

Percebi nesse exato momento que era exatamente isso que suas vidas valiam nas mãos dos traficantes. O quanto podiam pagar e o quanto podiam se destruir.

Eu já não tinha motivos para continuar viva, por isso, apenas lamentei ver Gabi morrer assim, como se nada valesse.

Sozinha no meio de uma multidão de criaturas ferozes e horrendas senti novamente uma mão forte me segurar e me empurrar para outro lado, em direção à saída.

Alex tentava me fazer passar por aquelas pessoas de aparência macabra e, sem forças devido à falta do soro, quase cai no meio da multidão.

"Alex, o que está fazendo?" Ele era a única pessoa que eu tinha naquele momento.

"Vamos! Temos que sair daqui. E eu sei que você não tomou seu soro... Vai precisar."

Monstros famintos se digladiavam em busca de espaço, de mais pessoas que, desesperadas tentavam fugir daquele cubículo e que falhavam miseravelmente quando eram atacadas, degoladas, comidas.

Corremos até a porta de saída, escancarada devido à bagunça, e saímos pela rua escura.

Estávamos cercados por monstros. Alguns deles surgiam detrás dos carros, outros atacavam os fugitivos, desviando de nós e nos dando tempo para nos esconder.

Um monstro surgiu detrás de um muro em uma rua e veio correndo em minha direção. Sem arma alguma chutei seu joelho e depois, acertei-lhe um soco, desmaiando-o.

Minha única arma era a vontade de não ser morta por aquelas criaturas nojentas e pegajosas e mais fortes do que eu, a morta-viva. Estar viva estava se tornando um problema para mim, pois, me tornava um alvo suculento.

No meio da madrugada a sensação de solidão só aumentava. Mesmo ao lado de Alex, era como estar sozinha.

Entramos em seu carro, estacionado na rua à direita e foi nesse momento em que as teorias começaram a surgir.

"Como pode tantas pessoas sofrerem o mesmo tipo de sintoma, assim do nada? Olha para eles! Não foram só os que estavam na festa, também tem gente doente assim aqui fora e..."

Alex me interrompeu. "Isso mesmo, Beer! Olha para eles! Estão todos mortos! Todos se tornaram zumbis!" Ele tirou seu celular do bolso e mostrou um vídeo que já havia se tornado um viral.

O vídeo mostrava pessoas no Brasil inteiro sofrendo mutações macabras. Ninguém sabia explicar o que houve e a única associação que eu fiz foi que todas elas usaram a mesma droga. Ou será que todas elas estavam sendo destruídas por algum vírus?

"De ontem para hoje já são milhões de pessoas doentes, mortas-vivas. Mas você não enxerga isso porque está muito preocupada em manter sua pose de foda-se o mundo." Disse Alex, quase gritando. Eu nunca ia imaginar que ele me via dessa forma. Mas tinha razão. Se eu não fosse tão egoísta, talvez tivesse mais chances de ter poupado a vida de Gabi.

Como eu iria poupar os outros? Bom... que se foda.

Nas ruas em direção ao Hospital havia vários monstros, saindo das casas, correndo sem rumo e caídos pelo chão, amontoados como sacos de lixo juntamente com os corpos de suas vítimas.

Eu não ia parar para ajuda-las. Não senti vergonha de meu desprezo; mas nunca tive tempo para isso...

Alex corria como louco, atropelando tudo o que havia pela frente, principalmente monstros e até alguns vivos pedindo socorro. Era o efeito do desespero.

Uma garota que devia ter sido linda minutos atrás, saiu de chamas abruptas com a face ensopada de sangue de um vermelho vivo, como Carrie naquela história de horror dos anos setenta.

Pessoas vivas cambaleavam zonzas, saindo do meio da fumaça escura e tóxica (alguém tinha colocado fogo em algum corpo e nos sacos de lixo) e, no meio do filme B no qual eu era a protagonista, vi a sombra de uma velha surgir numa das paredes da rua.

O medo já não me dominava mais, porém, minha curiosidade doente me fez questionar de onde vinha a sombra de uma mulher encapuzada na parede. Era a sombra de uma pessoa muito idosa, encurvada e lenta, mas eu não via mulher alguma quando procurava ao redor.

O horror estava instalado nas ruas. Monstros atacavam tudo e todos, fazendo com que sua doença transformasse as vítimas em monstros também.

Em questão de minutos, o mundo havia se tornado o inferno mais devastador que eu já podia ter imaginado existir. Só que era real.

Alex abriu o porta-luvas e tirou um revólver dali. Eu sabia que ele traficava e não me assustei com a hipótese de haver um 38 ali.

Não me preocupei em questionar, seria inútil. Uma arma era tudo o que precisávamos. Ele a colocou em minha mão e eu segurei firme.

Chegamos no hospital. Parecia um prédio abandonado, frio e isolado, distante do calor da humanidade que nunca havia existido ali.

O medo insensato e frio me dominou quando vi que não havia atendente algum no balcão de recepção. Nem médicos circulando, tampouco enfermeiras. Eu devia estar num episódio da série Sobrenatural...

Alex não perdeu tempo e seguiu por um dos corredores em busca do soro. Seu desespero aparente pela minha vida era admirável, nobre.

Lembrei-me de que eu nunca havia contado a ele que eu tinha uma doença... mas não precisava. Apenas entrei no assunto:

"Como sabia?" Alex me encarou sem resposta, aturdido.

"Eu cheguei um dia do trabalho mais cedo e vi você injetar algo na veia... você não me viu mas eu vi você. Venha, eu vou pegar a vacina na enfermaria."

Antes que ele pudesse perceber, virei em outro corredor e comecei a procurar por qualquer pessoa ou coisa que me levasse a alguma informação acerca da nova vacina que o governo insistia para que todos tomassem.

Se eu tomasse me curaria totalmente?

Eu sabia que era imprudente, mas não iria jogar fora minha vida como alguém que atira lavagem para porcos.

Criaturas rastejantes começaram a sair de uma ala de doentes. Paralizei diante da possibilidade de morte e atirei, meio sem jeito na cabeça de um deles.

Algumas das criaturas estavam de uniforme, o que significava que o mundo estava mesmo perdido.

Em minha mente sem filtros para processar somente o bem da humanidade, calculista como um bicheiro, quis ir além. Caminhei mais para o fundo, lembrando-me de atirar quando precisasse.

Na porta de uma sala no andar inferior, havia uma porta com o letreiro "Arquivos" na porta de vidro. Atirei.

Minha esperança aumentou quando passei pela porta e entrei, não encontrando nenhum corpo.

Era um lugar escuro. E mais uma vez, a sombra da velha apareceu na parede.

Comecei a vasculhar os arquivos e o mais chocante da minha descoberta foi confirmar a podridão do ser humano.

Incrível como o narcisismo e o interesse corrompem qualquer um...

A pasta com o título "vacina miracle" era cheia de desenhos e, mesmo sem entender a linguagem técnica, reconheci os desenhos que se tratava de um vírus que parecia um inseto. Ele aparecia entrando em uma célula e depois se multiplicando.

Claro, uma vacina podia ser criada à base de veneno de cobra, por exemplo, mas, mesmo que a bondade e o amor fossem minhas principais características... um vírus era sempre um vírus.

A mão de Alex estava fria como a de um morto quando tocou meu pescoço. Sabia que era ele porque pude ver seu reflexo na porta aberta. Senti uma picada e um sono muito forte invadindo minha mente, enfraquecendo-me mais. Desmaiei e não tive pesadelos.

Ao abrir os olhos a realidade era o único inferno que pude ver. Eu estava amordaçada em uma maca de hospital. A escuridão era densa, viva, envolvente como um manto grosso, gelado como o inverno do Alaska. Era real.

Inocente, tentei argumentar.

"Eu já sei de tudo! Me matar não vai mudar nada!"

Silêncio. Apenas o vento ecoava sombrio na madrugada.

A luz de uma vela acendeu com a chama de uma tocha que uma pessoa encapuzada segurava com segurança. Enxerguei o altar macabro no qual eu estava para ser morta. Tudo ao meu redor, inclusive a maca, cobertos com tecido carmesim e preto.

Outros encapuzados nos olhavam. Ouvi o que julguei ser um lamento, mas aos poucos, o volume de suas vozes aumentava e ouvi nitidamente as palavras "Mão Negra. Unificação ou Morte. O sangue é poder." Como uma canção fúnebre, suas vozes eram uníssonas e tristes, soavam como um eco numa catedral gótica e esquecida.

Encapuzados revelaram seus rostos.

Mais uma vez não me assustei, apenas me enojei com a podridão humana.

Alex estava bem ao meu lado. Era ele o condutor da cerimônia. Agora eu já acreditava nisso, sem compreender porquê eu era a "oferenda, o sacrifício."

Então, finalmente reconheci. A outra pessoa encapuzada era mesmo uma velha. Ela tirou o capuz, revelando sua face enrugada e inexpressiva, mas quando me viu, seu olhar tornou-se obstinado.

"Ótimo." Disse ela com uma voz lenta e amigável.

Não resisti. Perguntei: "Como, por que minha morte é útil?"

"Você não vem ingerindo o soro?" Ela sorriu, mostrando dentes podres.

Como eu não havia entendido, permiti que se gabasse de sua verdadeira explicação para o caso.

"A seleção natural, meu anjo. Quem fica vivo, é a cura."

"Cura para quê?"

"Os mais fortes sobrevivem. Os enfermos..." Entendi mas continuei questionando.

"Envenenar a população toda não prova nada. Um dia eu também vou morrer... talvez por um motivo idiota."

"Ao beber seu sangue, todos nos curaremos, doçura. Há muitos anos pegamos o vírus da mixomatose intencionalmente introduzido na Austrália para controlar os coelhos. Isso provocou uma mortalidade elevada de 80% a 90%. Depois de alguns anos verificou-se que a taxa de fatalidade inicial de 99% passou para 90% e o tempo entre a infecção e a morte aumentou. Em quinze anos a população de coelhos chegou aos 20%."

Eu sabia que essa era uma técnica utilizada em Bioestatística sob circunstancias rigorosas. Para exemplificar, digamos que se o número de casos de uma doença x que ocorreram no ano atual superar o valor da 'incidência máxima esperada', temos um caso epidêmico, se for inferior, temos um caso endêmico. Nosso país estava em caso epidêmico. Fodeu.

"Então é assim? Vocês vacinam todos como coelhos e todos morrem? Por que não o contrário? Porra!" Gritei. Eu era mentalmente doente, mas não nesse nível.

O grupo sussurrava mais alto. "Unificação ou morte." Como se 'morte' fosse uma solução, uma vitória.

"A seleção favorece os menos patogênicos...Purificação." A velha disse com um sorriso vil.

A importância daquela Organização sempre se deu ao fato de que sabiam manipular agentes bioquímicos. Era a prova que eu sempre quis para justificar minha desconfiança de tantas vacinas milagrosas que, ironicamente após sua aplicação, morria tanta gente no país, mas que a mídia limpava apresentando um ou dois casos de cura...

A velha caminhou em minha direção. Eu sabia que era minha hora e não temi perder minha vida. Se ela realmente queria a cura, que a tivesse.

Eu só não saberia se ela iria mesmo transmitir a cura aos outros...

Senti uma pontada de ferro gelar minha pele, depois veio a sensação de fogo. Fogo e gelo invadiam meu sistema; ondas escaldantes e congelantes me cortando até eu gritar de horror.

Meu corpo se curvou e meus ossos pareciam se quebrar de uma vez.

Sangue vermelho e quente foi a última sensação que tive. Então, todos se banquetearam no fluído vital que jorrava de minha garganta em jatos fortes. Sua sede era poderosa e horripilante.

A velha transformou-se rapidamente em um monstro. Os olhos viraram-se e mostraram somente a parte branca, a garganta inflou para, em seguida, explodir em sangue negro e viscoso, a pele derretendo como se envolvida em chamas ardentes.

A mutação não os tornara mais fortes. Matou todos de uma vez numa explosão grotesca de carne, sangue e vísceras.

Minha força aumentou. Me assustei com o poder que me invadia e fez com que me levantasse do meu leito de morte.

Caminhei até a velha, deixando o ódio me dominar até a medula e, esfomeada por vingança, arranquei suas veias numa dentada. Seu sangue era doce como açúcar.

Saí daquela sala, subi até a parte de cima e caminhei pelas ruas sem rumo. Meu cérebro não processava as informações com precisão, muito menos minhas pernas. Eu apenas respondia instintivamente à tudo o que se movia à minha frente, mastigando todos e bebendo de seu sangue para me manter em pé.

E assim, por anos, permaneci... sem nunca obter justiça; Condenada à vida.

Notícia do Jornal Nacional três meses após o primeiro caso de epidemia ter sido controlado, em parte, pelo Exército Nacional:

"O arquivo estava escondido nas coisas pessoas da famosa doutora Shirley Bonanza. Estava cheio de detalhes sobre como a organização Mão Negra pretendia dominar a população através de uma arma bioquímica...

A organização Mão Negra foi fundada secretamente por Shirley ainda na adolescência. Shirley era castigada constantemente pelos pais fanáticos, que a culpavam por ser portadora de uma doença até então

desconhecida. A doença faz com que a pessoa envelheça, mas o portador continua com tamanho de criança. Apenas a pele e a voz de Shirley era como a de uma idosa de noventa anos.

Shirley vivia trancada em um porão, pois, seus pais acreditavam que a seleção natural iria salvar apenas os mais fortes e, no caso dela, era fraca, suja e condenada à morte. Shirley considerou-se suja e má a maior parte de sua vida. Como nunca fora curada, viveu frustrada e acreditou estar amaldiçoada após conhecer os livros de ocultismo de uma biblioteca local.

Foram encontrados em suas coisas, manuais de suicídio, um deles, o mais famoso livro wataru tsunumi.

Além de pensar que devia punir a si mesma, parou de se mutilar e se condenar quando viu a possibilidade de se tornar imortal e famosa ao começar a estudar Bioquímica, mesmo antes da Faculdade.

Shirley pretendia, como descreveu em suas anotações secretas, "purificar" a população, pois ela acreditava que a raça humana precisava ser liberta de sua "maldição do sangue."

O que vimos foi o maior genocídio da história da humanidade. Hoje conhecido como "O massacre zumbi" e "Pandemônio."

Fim

Horror News

Alfredo Josè Durante

Dia 12/08 – Ás 18:00 da noite

Sra. Watson, liga TV para assistir o Jornal da Noite. O jornal abre com a seguinte noticia: "A garota Julia, é encontrada com vida após dias desaparecida". Ainda não temos mais informações, mas o que podemos apurar por enquanto, é que ela se encontra bastante abalada e ainda não consegue falar direito. Ela será levada direto para o Hospital São Lucas e amanhã voltaremos com mais notícias. Este é o repórter do seu Jornal da Noite. Obrigado.

Dia 13/08 – Às 12:30h da manhã

A situação de Julia, ainda é crítica, estamos na porta do Hospital São Lucas e o que conseguimos até agora, é que ela está bastante ferida e demonstra comportamento agressivo contra os médicos e enfermeiras. Há horas estão tentando sedá-la e continua atacando as pessoas. Por não possuir nenhum parente vivo, a garota será acolhida em um abrigo da região.

Dia 13/08 – Ás 18:00h da noite

Julia finalmente foi sedada e pode descansar. Os ferimentos são limpos e curativos são feitos e ela já está se recuperando. Já há notícias de pessoas se solidarizando a favor da garota. Deram roupas, presentes e fala-se também em dinheiro. As notícias continuarão a ser transmitidas noite a dentro.

Dia 14/08 – Ás 3:00h da madrugada

A enfermeira responsável pelos cuidados de Julia, durante a madrugada, foi ao seu quarto e levou um susto ao encontrar a cama vazia. Uma equipe já foi formada a fim de encontrá-la. Ela não foi vista saindo do prédio. Possivelmente, Julia estará perdida sem saber aonde ir. Somente agora conseguimos entrar no hospital, vamos tentar ajudar a encontrá-la.

— Olhem, é ela? Gritei fortemente. Os enfermeiros correram para segurá-la e ela agrediu alguns, arranhando e mordendo até sangrar. E conseguiu fugir em direção a uma sala que dá acesso ao maquinário do hospital. Os enfermeiros atacados foram levados e atendidos pelos colegas.

Dia 14/08 – Ás 5:00h da madrugada

As notícias não são as melhores. Os enfermeiros estão apresentando um surto de agressividade extrema. Já mataram várias pessoas dentro do hospital e as mortes não param por aí. Por enquanto nada da garota Julia. Acredita-se que ela seja a fonte disso tudo, pois os enfermeiros apresentam os mesmos sintomas que ela. Pouco a pouco, várias pessoas que foram atacadas pelos enfermeiros, passam a manifestar os mesmos surtos de agressividade. Já não há mais o que fazer.

Dia 14/08 – Ás 7:00h da manhã

Já amanheceu o dia e estamos sozinhos, eu e o câmera trancados em uma sala. Não acredito que sairemos com vida daqui. Não espero que acreditem em mim, somente vejam as imagens e tirem suas conclusões. Resolvemos sair da sala e ir embora. Saímos e não vimos nada no corredor, corremos até o elevador e conseguimos pegá-lo rapidamente. No saguão do hospital, não vimos nada também. As portas da frente estavam quebradas. Saímos do prédio e chegamos na rua. Tudo estava abandonado: carros, lojas, ruas, enfim, sem ninguém.

— Mas o que é isso? Gritei fortemente! Há uma multidão de pessoas correndo desesperadas vindo em nossa direção

Os fatos narrados aqui foram contados a partir do que foi filmado. Ainda não se sabe ao certo quem realmente encontrou a câmera. Mas acreditem no que quiserem, as imagens não mentem. Era realmente uma multidão de zumbis correndo.

Horror News Parte II – The Present

(J) – Jessica
(JS) – John Smith

Dia 14/08 – 18:00h da noite

A história narrada a seguir, é baseada em relatos de pessoas que supostamente sobreviveram após os atentados ocorridos no Hospital São Lucas. As filmagens permanecem desaparecidas, ainda não se sabe quem as encontrou na rua em frente ao hospital.

Dia 14/08 – 23:00h da noite

A cidade está deserta, não há pessoas transitando, não há carros, só se escuta o som do vento por entre os prédios. Fala-se em zumbis que percorrem os caminhos obscuros da noite. Não há polícia, não há governo, nem hospitais e muito menos alguém para colocarmos a culpa. Só há desespero e o medo que nos impulsiona a continuar em frente em busca de sobreviver nessa cidade fantasma, Curitiba. Meu nome é John Smith, a última coisa de que lembro é de estar no hospital São Lucas, no quarto, quando de repente ouvi um tumulto de pessoas gritando e uma correria desesperada. Quando dei por mim estava correndo dos enfermeiros e me escondi em uma sala de mantimentos até tudo se acalmar. Desde então estou sozinho, solitário.

Dia 14/08 – 22:00h da noite

Quando você se muda para uma cidade, você imagina que vá encontrar o melhor, um bom emprego, um bom apartamento e quem sabe até um bom namorado. Mas o que encontrei de fato foi uma pandemia. O governo e os meios de comunicação não sabiam o que estava acontecendo. Ninguém sabia nada. O que ocorreu no Hospital São Lucas, permanece oculto ao nosso conhecimento. Hoje não há governo, polícia nem nada mais. Me sinto sozinha e abandonada nesse mundo esquecido por Deus. Meu nome é Jessica, e a última cosia de que me lembro, era estar no ônibus e quando ele parou e as pessoas desceram, começou uma bagunça de pessoas querendo entrar e outras querendo sair, umas que estavam bem nervosas atacavam outras a mordidas, tratei de pegar minha bolsa e sair correndo. Mais para a frente deparei-me com um garoto que estava sozinho e acho que perdido. Corri até ele.

Dia 15/08 – 00:00h da noite

Olá, meu nome é John Smith.
O meu é Jessica. (J). Onde esteve esse tempo todo?
(JS). Eu estava no Hospital São Lucas.
(J). Não acredito. Então você viu o que houve?

(JS). Não muito. Só alguns enfermeiros que me pareceram zumbis, correndo desesperados atrás de quem fosse. Consegui me esconder até que tudo se acalmasse.

(J). Eu estava no ônibus e de repente começou uma bagunça. Corri e quando estava a algumas quadras longe de lá, vi você andando sozinho. O que são essas coisas? O que houve com os seres humanos?

(JS) O pouco que pude ouvir no hospital, foi que trouxeram uma garota e ela começou a atacar as pessoas. De repente todos que eram atacados viravam zumbis e começavam a ferir outras pessoas. Já de manhã não havia mais pessoas vivas. Não encontro policial em lugar algum, não há governo, emissoras de TV. Tudo está bagunçado.

(J). Eu estou com medo, para onde iremos?

(JS). Há uma casa abandonada a alguns quilômetros daqui, nunca vi ninguém ir para lá.

Dia 15/08 – 02:00h da madrugada

(J). Essa é a casa?

(JS). É essa mesma.

(J). Assustadora.

(JS). Esqueceu que eu disse que nunca vi ninguém vir aqui?

(J). Quem morava aqui?

(JS). Umas pessoas estranhas. Conta-se que o pai era alcoólatra e um dia teve um surto e assassinou a família toda e num ato de arrependimento, cometeu suicídio. Desde então a casa permanece vazia.

(J). Que assustador. Já ouvi algumas histórias de pessoas que mesmo depois de mortas continuam assombrando as casas em que moravam antes. Será que os fantasmas continuam aqui?

(JS). Prefiro não pensar nisso.

Nesse tempo em que John e Jessica permaneceram na casa, alguns zumbis perambulavam pela região em busca de carne fresca. Nesse meio tempo, Jessica e John estavam dormindo. Um barulho acorda Jessica.

(J) John acorde. John.

(JS) O que foi?

(J). Eu ouvi um barulho estranho vindo do quarto ao lado.

(JS). Eu vou lá ver. Após John sair do quarto a porta fecha fortemente atrás dele. Jessica leva um susto, pois a imagem de um homem aparece dentro do quarto com um machado nas mãos.

(J) John me ajuda! John me ajuda!

(JS) Jessica a porta não abre.

(J) Ele vai me matar!

(JS). Tenta sair pela janela.

Jessica tenta abrir a janela enquanto a imagem do homem avança em sua direção. Jessica pula machucando a perna. Tentando se levantar mancando, olha para o portão onde há um grupo de zumbis. Ela grita desesperada tentando chegar na casa novamente. John chega e consegue trazer Jessica para dentro.

(JS). Estamos ferrados.

(J). Por quê?

(JS) O homem que você viu, no quarto com o machado, é o fantasma da casa, o mesmo que matou a família. E agora com os zumbis lá fora não temos para onde ir.

Dia 15/08 – 05:00h da madrugada

Os fatos posteriores a esses que ocorreram na casa abandonada, são relatos de outros supostos sobreviventes ao apocalipse.

Horror News – Parte III – The Future...

Dia 15/08 – 07:00h da manhã

Os relatos aqui contados, são de um homem que conhece um grande segredo.

Em um prédio abandonado, surge um homem chamado Peter. Ele é de estatura mediana, aparenta ter 30 a 40 anos, não fuma, pois acredita que contribuir com que empresas lucrem sobre nosso consumismo não é certo. Mas está lá sozinho nesse edifício de mais de cem apartamentos. A vista não é das melhores, levando em consideração a destruição causada pelos tumultos. Ainda não se calcula o número de sobreviventes, mas de mortos, já passou da casa de milhões. "O mundo precisa saber o que houve no Hospital São Lucas. Por isso mantive a câmera, encontrada na rua, em segredo. Eu me lembro que os jornais falavam sobre o fim dos tempos, será o fim da nossa natureza humana? Não veremos mais o céu azul e não sentiremos mais o sol no nosso rosto? E as crianças, não brincarão nos parques? Perderemos o jogo de forma covarde, sem lutar e sem dar o nosso melhor? Quando você passa tanto tempo sozinho, as perguntas e questionamentos surgem como uma crise maluca que te assola dia e noite. "Preciso sair daqui". Pra onde irei? Preciso acreditar que exista alguém vivo por aí.

Dia 15/08 – 10:00h da manhã

Não muito longe do prédio onde Peter estava, uma família se reúne na sala a fim de explicar aos filhos o que está acontecendo. As histórias não são de brincadeira, são sérias e fortes. Pessoas que viviam perto dali

tiveram perdas irreparáveis. Foram filhos, mães e pais que sofreram com os ataques de zumbis. Os filhos dessa família, ficaram atentos a cada palavra que era pronunciada pelos pais. Nada se questionava, de nada se duvidava. Aceitar que viveremos para sempre, talvez sozinhos nesse mundo. O caos está instalado. Tentaremos sobreviver. Enquanto os pais conversavam entre si, o cachorro da família saiu para a rua e começou a latir forte para algo que estava lá. Uma das crianças foi atrás do cachorro sem que os pais percebessem. A criança estava na rua perto de um grupo de alguns zumbis.

As pessoas da família saíram desesperadas em socorro da criança, a fim de salvá-la

A história que conta, que um dos monstros agarrou a criança. Mordeu seu pescoço, mas ela não morreu. O zumbi, porém, foi morto pelos pais.

Conseguiram voltar para casa. Entretanto dias depois, tiveram que sacrificar a criança. A tristeza e a desesperança e o extremo medo, quase levou a família a um suicídio em massa. A mãe pegou o outro filho e saiu de casa. Agora perambulando pelas ruas para encontrar alguém vivo.

Dia 15/08 – 23:00h da noite

Último jornal publicado estampava a seguinte matéria de capa: "O número de mortos é incontável e o de sobreviventes muito difícil de imaginar, mas havia esperanças.

Com esse jornal em mãos, Peter saiu do casulo do medo e agora estava mais confiante. Andando pelas ruas, às espreitas, de longe, avistou alguns renegados da sociedade, que perambulavam incansavelmente atrás de comida viva. Nessas andanças avistou a mãe e o filho sozinhos na rua. Sabendo que não poderia gritar senão chamaria a atenção dos monstros. Correu atrás da mulher, até que ela olhou para trás e viu Peter correndo. Assustou-se, mas logo depois percebeu que não estava infectado e se acalmou. Ele chegou e ficou maravilhado sabendo que agora não estava sozinho. Eles ficaram juntos o tempo todo. Agora eram três pessoas contra um mundo de zumbis

Dia 16/08 – 02:00h da madrugada

Na casa, onde estavam Jessica e John Smith, as tentativas de sair eram muitas. O fantasma do assassino, ainda rondava por entre as paredes e móveis da casa. Os zumbis cercaram todo o perímetro, pois era um grupo grande. Lá pelas tantas da madrugada, eles olharam pela janela, a fim de saber como estava a rua, avistaram um casal vindo em direção a casa. Eles gritavam pela janela que não era para eles se aproximarem, senão morreriam. Os zumbis se aproximavam cada vez mais do portão. O casal tratou de expulsar os monstros, chamando-os para longe da casa. Conseguiram correr alguns quarteirões com uma leva grande de zumbis atrás. Jessica e John Smith, conseguiram sair da casa. Fazendo um caminho contrário, depois de

algumas horas, o casal conseguiu se distanciar dos zumbis. Jessica e John Smith chegaram ao local onde acreditavam ter algum sobrevivente, pois haviam alguns zumbis do lado de fora. Não havia o que fazer. A única coisa era tentar tirar de lá quem estivesse, sem que nenhum zumbi os vissem. Jessica então lembrou-se do casal que os ajudou e sugeriu: "Vamos correr em direções opostas e tiramos em grupos os zumbis daqui. Foram então cada um para um lado e o casal conseguiu sair. Naquela hora já não havia o que fazer. Depois disso nunca mais se viram. Jessica e John Smith, correram em direções opostas, como nunca em suas vidas, até não terem mais fôlego. Já cansados, tomaram a mesma atitude, pararam e se entregaram aos zumbis. A morte foi rápida e cruel.

Dia 16/08 – 07:00h da manhã

O casal conseguiu um carro alguns quilômetros depois. Saíram da cidade confiantes que a história havia terminado. Chegaram a uma cidade vizinha, e com o pouco que tinham, conseguiram levar a vida adiante. O que houve na cidade foi mantida em uma fita de vídeo preservada em uma câmera. Que foi assistida apenas uma única vez. Após isso, nunca mais se falou nos fatos ocorridos na cidade de Curitiba.

Dia 16/08 – 08:00h da manhã

Essa foi a última notícia do Jornal da Noite que contou com a participação de Peter, hoje considerado um herói no massacre dos zumbis.

Após isso, o sinal sai do ar.

Fim

NOTA DO AUTOR

Essa história, apesar de fictícia, nos coloca em uma posição de como vamos lidar com nossos problemas. Os zumbis somos nós na medida em nos afastamos de quem somos de verdade, monstros sem consciência, sem compaixão, sem amor e sem empatia. O que nos resta é o puro instinto de sobrevivência.

Espero que com essa história nos coloquemos em lugar das pessoas que estão aqui para ajudar a fazer um mundo melhor.

Obrigado.

Um estranho depoimento

Larissa Padro

As formigas caminhavam em fila indiana, todas orquestradas, cada uma exercendo sua função. Observava esses insetos enquanto aguardava o carro de Jonas chegar. Iríamos acampar, a velha turma da escola reunida novamente, todos adultos agora. Eu estava ansioso por esse reencontro, curioso e excitado com o fim de semana na pacata Vila de São Jorge localizada no Estado de Goiás, um local que representava nossos inesquecíveis períodos de férias dos primeiros anos de universidade. Porém, minha atenção foi estranhamente abalada por aquelas formigas trabalhando. Senti uma espécie de insegurança se instalar em meu humor, como se pressentisse algo desagradável no porvir.

Quando a buzina de Jonas ecoou e me arrancou de delírios medonhos, não me lembrei mais das formigas. Reencontrar velhas amizades me encheu de novo ânimo. No carro estavam Bia, Marcelo e Tereza, Jonas ao volante, cumprimentei todos com euforia. Seguimos viagem, as paisagens à beira da estrada corriam e eram belas. As conversas no interior do carro eram pura nostalgia dos velhos tempos de adolescência.

Ao chegarmos no chalé alugado por Jonas, meus olhos se perderam nas árvores frondosas que cercavam todo o lugar. Elas encobriam e sombreavam todo ambiente. A sensação de perigo voltou a tomar conta do meu humor e inexplicavelmente lembrei-me das formigas em fila indiana na calçada da minha casa. Senti um estremecimento, mas não sabia dizer ao certo o motivo. Os outros saltaram do carro, todos empolgados e falando ao mesmo tempo, carregando as bagagens para dentro da casa. Permaneci parado ao lado da porta do carro, a mala pendia da minha mão e não senti mais motivação alguma em passar o fim de semana ali. Jonas cutucou meu braço e disse "— Algo errado, Ricardo? " O vento soprava devagar ali, beijando o rosto com seu hálito silvestre. Apenas tranquilizei Jonas dizendo que era o cansaço da viagem, mas eu podia sentir que algo estava errado, fora do lugar.

Naquela noite, comemos e bebemos bastante, Bia e Jonas rememoravam o namoro tórrido que tiveram na adolescência enquanto Marcelo e Tereza discutiam sobre questões jurídicas, ambos haviam se tornado advogados. Permaneci em completo silêncio, minha mente não estava exatamente ali. Podia ouvir o vento soprar do lado de fora fazendo os sinos de boas-vindas tilintarem, era uma sinfonia medonha se prestasse atenção, se você parasse para ouvir além do vento. Meus amigos estavam ébrios e distraídos para notarem o que eu notava. Uma batida fraca na porta, como se algo tivesse se chocado acidentalmente contra ela, ninguém percebeu, apenas eu. Senti uma onda de arrepios violenta percorrer meu corpo e desestabilizar meus nervos. Olhei para os outros, continuavam distraídos.

Não encontrei força para checar a porta, afundei no sofá tentando ignorar o que ouvia e o que sentia, meu coração era uma bomba descompassada. Quando comecei a me acalmar e justificar mentalmente que era só efeito da bebida veio a segunda batida. Saltei do sofá, assustado, os outros me olharam "— Ouviram isso? " Perguntei a eles, visivelmente em pânico. Um por um negou ter ouvido algo, Jonas insistiu para que eu fosse deitar e dormir, neguei e, encontrando força necessária, sai da casa e me embrenhei na noite.

Não havia nada ali na porta, curiosamente eu já sabia que não haveria. Dei a volta na casa usando apenas a lanterna do meu celular, a escuridão era tamanha que eu não conseguia enxergar onde meus pés pisavam. O aroma silvestre soprado pelo vento me assaltou de novo, mas por trás dele havia algo indefinido como um odor pútrido de decomposição que me fez regurgitar o jantar. Depois de me recompor do mal-estar súbito, escutei ruídos estranhos vindos de um amontoado de entulhos nos fundos da casa. A primeira hipótese que me ocorreu foi a presença de ratos ali. O dono do lugar deveria cuidar melhor daquilo. Aproximei dos entulhos, minha mão tremia tanto que o facho de luz não focava em direção alguma. "São só ratos" pensava comigo mesmo, mas isso não aliviava o pânico.

Quando tirei a tábua apodrecida que encobria uma pilha de pneus não foram ratos que vi, não saberia definir aquilo. Um amontoado de ovos minúsculos recém-eclodidos, gosmas amareladas grossas e fétidas escorriam do interior. Cobri o nariz, o odor era insuportável e pestilento estava impregnando tudo em uma atmosfera de contaminação pútrida. Não sabia o que pensar, nunca tinha visto algo parecido. Aproximei o rosto daquilo, avaliando, pequenas larvas gordas e brancas rastejavam subindo pelo interior dos pneus, eram milhares delas, camadas e camadas de larvas brancas e grotescas. Perdi os sentidos, a última sensação que tive foi de insuportável ardência em minhas narinas, como se inalasse algum produto tóxico, ácido.

Quanto tempo passou enquanto permaneci desmaiado? Não posso dizer com certeza. Raios de sol tocaram meu rosto e me trouxeram de volta, uma enxaqueca terrível me atingiu no centro da testa quando levantei. Imediatamente, certifiquei que os entulhos estavam ali, que não era um pesadelo. Eles estavam mesmo lá, mas as larvas tinham desaparecido, apenas os milhões de pequenos ovos explodidos permaneciam. Corri para dentro da pousada, atordoado e dolorido, gritei pelos meus amigos, não vieram respostas. Naquele momento uma certeza aterradora tomou conta de mim, eles estavam em apuros, o silêncio no interior da casa me dizia isso.

Caminhei pelos cômodos chamando um por um, o único som que ouvia era dos meus pés fazendo o assolhado ranger e o ruído suave de pássaros do lado de fora dando à minha apreensão o caráter do que é desnecessário. Porém, o pânico era crescente, até mesmo o ruído de cigarras, que em outros tempos me relaxava, fazia meus cabelos arrepiarem. A enxaqueca se tornava insuportável, não conseguia raciocinar ou manter os olhos abertos. Nada daquilo fazia sentido. Andando desiludido não encontrei ninguém. Então, sentei exausto na sala, a espuma do sofá me envolveu, fiquei inerte de olhos fechados e só me vinha à mente as larvas inchadas e nojentas rastejando e a ardência nas vias respiratórias. Parecia um pesadelo, nada daquilo

tinha qualquer justificativa racional. Massageava as têmporas quando ouvi um baque violento vindo da porta dos fundos. Meu primeiro impulso foi saltar do sofá e gritar "Finalmente", pois sabia que era algum dos meus amigos. Sem dúvida, o som de passos arrastados era deles e quando apareceram na sala senti um alívio misturado ao assombro. Eram eles, sem dúvida, e não eram eles também. De pé em um salto, minhas pernas vacilaram diante tal choque.

Jonas estava no centro assumindo seu lugar de líder nato, Marcelo e Bia logo atrás e Tereza encolhia-se como se estivesse tendo espasmos de dor. Todos os quatro estavam se desintegrando. Os rostos flácidos escorriam e deixavam à mostra o que deveria ser placas faciais ósseas, mas o que havia ali eram carapaças como as que recobrem o corpo de besouros; os olhos fulguravam puro ódio, pálpebras pendiam revelando olhinhos minúsculos de aracnídeos. Aqueles corpos eram massas em desintegração, mãos que eram parte dedos e a outra pinças afiadas, estavam em acelerado processo de decomposição que me remeteu às larvas com as quais me deparei horas antes. O pior era o fedor de carne estragada, cobri a boca sentindo o estômago rolar na barriga, não havia o que dizer, estava petrificado, sabia que precisava sair dali, mas meu corpo não respondia.

Jonas avançou sobre mim e todos acompanharam, a luz que refletiu em sua máscara decomposta me fez soltar um grito, larvas gordas desciam pelo que sobrava de seu nariz e boca. Ele tentou articular algumas palavras, mas a mandíbula despencou e sonoros "ric-ric-ric" de inseto saíram de seus dentes bambos. Consegui me lançar numa corrida enlouquecida para fora da casa. Não atrevi olhar para trás enquanto corria, só quando estava dentro do carro pude notar que as criaturas estavam perto demais e não me alcançaram por milésimos de segundos. Eles cercavam o automóvel e sacudiam com força desumana. O pânico foi extremo, senti a urina escorrer e aquecer minhas calças, eles grunhiam e se despedaçavam. Dar partida no carro foi difícil, a tremedeira atrapalhava tudo, ondas de fraqueza limitavam meus movimentos, só conseguia chorar e rezar.

O carro soltou um ronco engasgado, achei que não fosse ligar nunca, mas o som permaneceu, os comandos para dirigir pareciam ter sumido da minha memória. Dei uma ré desajeitada e me afastei daquele pesadelo escabroso, sentindo-me pouco a pouco aliviado. As imagens das criaturas diminuíam aos poucos nos retrovisores. Respirei fundo várias vezes, o coração estava em frangalhos e ainda está. Chorei e ri ao mesmo tempo, achei que estava enlouquecendo, tinha quase certeza. No caminho de volta para o centro da Vila de São Jorge, meus sentidos tão atordoados não me deixaram notar que a cidadezinha estava mais quieta do que habitual. Não havia pessoas nas ruas o que era de se estranhar por ser época de férias. Algo estava e está muito errado e tudo aponta que a origem da coisa está naquela pousada, naqueles malditos vermes dos entulhos. Não posso ter certeza do que vivi, se foi uma praga, uma doença que contraíram, mas pareciam

verdadeiros insetos assassinos. Sei que parece mesmo loucura, mas seja lá o que transformou meus amigos, não faz parte do nosso mundo.

O delegado local trocou aquele olhar duvidoso com o policial que havia me atendido e disse finalmente "— É a terceira vez que nos conta a história, e não há qualquer furo nas suas versões. Exatamente os mesmos detalhes. Mas quer mesmo que acreditemos nessa conversa toda? Tem noção do absurdo? — " Senti lágrimas quentes voltando aos olhos, antes que pudesse responder qualquer coisa além das lágrimas senti algo escorrendo do meu nariz, não era muco. Meus olhos fixaram nos dedos da mão que limparam o meu nariz, vi larvas gordas se contorcendo e infiltrando-se sob minha pele. Meu cérebro ficou paralisado diante daquela visão, aos poucos as palavras que saíram da minha boca não eram mais minhas. "— Vamos até lá checar, delegado, vamos lá e verá o que é absurdo."

Fim

Pequeno Sonho Meu

Donnefar Skedar

O canal de TV apresentava um daqueles programas de decoração para os lançamentos em questão de apartamentos sofisticados. De mobília a cor de tinta para as paredes, o programa exibia o que de mais bonito e recomendado estava disponível no mercado, mas seu telespectador naquela sexta-feira, estava apenas preocupado em terminar de empacotar todos seus moveis simples em caixas de papelão que serviam apenas para uma ida sem volta. O motivo era o mesmo do programa que ele assistia quase todos os fins de semana; Ednaldo finalmente estava saindo daquela casa de aluguel para, enfim, ir morar em um apartamento conseguido pelo programa bancário e governamental que lhe ajudava no quesito "forma de pagamento".

Claro que não era um daqueles condomínios que ele via todos os domingos, e claro que não iria mobiliar seu novo lar com aqueles lindos estofados que estava passando na tela, se bem que economizando um mês, poderia comprar uma poltrona e fazer dela seu cantinho especial... isso ele pensaria depois, por hora, tinha apenas que deixar tudo pronto para o caminhão de mudança que estaria em sua porta as 08h00 como o combinado e pago.

Ednaldo lutou duro durante os últimos sete anos, pouco após o falecimento de sua mãe e a falta de uma casa própria para sobreviver, o mesmo decidira trabalhar mais do que o normal, para conseguir em vida o que sua mãe não conseguiu nem em seu leito de morte. Ele queria ter uma casa em seu nome, não no modo literário, mas sim uma casa com papel assinado provando e comprovando que Ednaldo Santos, era o único dono do lugar. Não importava o tamanho do terreno, se tinha quintal ou garagem, ele apenas queria um quadrado de terra onde moraria por toda sua vida.

Ele não conseguiu uma casa, mas sim um bom apartamento com dois quartos, sala, cozinha, banheiro, lavanderia e ainda uma sacada que poderia ser continuação da sala se não tivesse aquelas portas de vidro dividindo o lugar. Perfeito! Foi o que ele pronunciou na primeira vez que seu gerente bancário lhe mostrou as imagens.

— *Com todo seu histórico e com a conveniência do Banco, em uma semana este apartamento pode ser seu com as parcelas conforme conversamos* — falou o gerente do banco no dia em que entraram em um acordo para que Ednaldo conseguisse realizar seu sonho.

— *É perfeito, ficarei no aguarde de seu telefonema* — respondeu o homem feliz pelo maior passo dos últimos anos em sua vida.

Em menos de uma semana conforme o prometido, o Smartfone de Ednaldo tocou com a tão esperada confirmação de que tudo dera certo na negociação com o banco, ficando apenas o ato de Ednaldo passar no banco para assinar os papeis e retirar as chaves do seu novo lar. Mas, isso eram apenas detalhes, Ednaldo ao encerrar a ligação, logo olhou para o teto encarando as manchas escuras no quanto criado pelo maldito mofo que era tão comum em milhares de casas, e sorrindo, aliviou sua mente planejando no dia seguinte ir logo cedo ao banco retirar suas chaves.

Com tudo assinado e cerca de seis chaves em mãos, o agora dono de um apartamento, levou o resto da semana na esportiva, até esqueceu do peso em seu trabalho de gerente em um dos maiores atacados da região, não ligou para os erros estrupidos de muitos funcionários e nem para a goleada que seu time recebera na quarta-feira. Tudo era cotidiano e ele estava em um cotidiano paralelo, pensando apenas em novas paredes, novas vistas e novos vizinhos. Não que os anteriores fossem ruins, mas casa de aluguel sempre vem como condomínio em térreo, aquelas casas grandes divididas em dois e três cômodos para serem alugados ficando assim em um só terreno até cinco famílias. Esta era a realidade que Ednaldo queria se livrar de uma vez por todas.

À primeira vista o condomínio era até "bonitinho" com sua tinta salmão já virando rosa devido ao tempo. Com uma entrada dupla e uma guarita grande se comparada aos dos outros prédios e um sistema de segurança atraente à primeira vista, aquele era o condomínio de nome "Floral", situado no bairro de Alto Industrial na cidade de São Bernardo do Campo, fazendo divisa com a cidade vizinha, Santo Andre e dando de fundos com um dos maiores cemitérios da cidade de nome Colinas.

Logo que passou pelos portões e recebeu as boas vindas dos dois porteiros, Ednaldo estacionou seu carro na vaga conforme o orientado por um dos porteiros que deixou o mesmo bem à vontade, notando confiança e credibilidade nos dois senhores que informaram trabalhar naquele condomínio por mais de dezoito anos.

Tirando todo o resto que o mesmo já conhecia de prédios e condomínios fechados, ele se dirigiu logo para seu apartamento a fim de abrir as portas pela primeira vez e fazer o que desejar sem estar sobre a companhia de um vendedor falando os detalhes superficiais de todo o imóvel.

Ele já tinha estudado todo o lugar e seus detalhes, realmente foi um negócio perfeito, tendo apenas que trocar o chuveiro e colocar novas lâmpadas, nada de vazamento ou encanação para trocar, era só colocar seus moveis e arrumar como quisesse.

Ao trancar a porta após entrar no apartamento sem ter encontrado com ninguém dentre as outras cinco portas em seu corredor, Ednaldo olhou para o cômodo que parecia ser grande se comparado com o que sua mente se lembrava. Ali seria sua linda sala sem qualquer daqueles moveis vistos nos programas dominicais em sua televisão.

Olhando para as portas de vidro da sala, ele observou que apenas arvores atingia seu campo de visão, e assim foi em direção a sacada para ver o privilégio de vista que recebera. Embora seu apartamento fosse no sexto andar, ele parecia estar bem mais alto quando olhou para o local abaixo. A visão era bem básica, em torno de todo seu campo de visão, ele via apenas arvores e abaixo delas, um gramado aparado e placas de mármores reluzentes ao sol, mais abaixo já no território do condomínio, ele via um pouco da garagem aberta e o minúsculo *playground* onde esperava ver aos fins de semana, todas as crianças daquele prédio.

Ednaldo até gostou da visão, desde o início fora informado sobre o prédio ser localizado em divisa com o cemitério mais popular da cidade, mas o mesmo nem chegou a pensar em piadas ou suposição referente ao lugar, ele apenas manteve o foco de conseguir um bom lugar, E se comparado pelo valor do apartamento, com certeza o cemitério não era motivo algum para terem vendido aquele apartamento com um preço tão calculado.

***

No sábado as 08h00 em ponto, o caminhão estava de portas abertas em frente a sua "agora" antiga casa, fazendo Ednaldo receber os carregadores com total animação, mesmo sendo este o horário do seu tão querido café da manhã. Coisa que o mesmo tomara uma hora mais cedo que de seu costume tamanha era sua ansiedade para ir embora.

A manhã toda foi apenas para a mudança, já perto do início da tarde, todas as caixas estavam entregues no apartamento de Ednaldo e todos já haviam ido embora, ficando apenas ele e suas inúmeras caixas prontas para serem desempacotadas, mas isso iria esperar quando seu estomago o lembrou que seu relógio estava uma hora adiantado.

Todo o trabalho foi feito naquele mesmo dia, como muitos dos moveis não precisaram ser desmontados e por serem pequenos, foi fácil para Ednaldo organizar 60% de tudo naquele mesmo sábado, mas por volta das 22h00 o cansaço de seus 42 anos já o avisava que era hora de um banho e um jantar seguido de uma gelada.

Claro que o mesmo era prevenido, não iria cozinhar naquele dia nem se recebesse visita, o que não acontecia já tinha meses. Não que o mesmo fosse velho ou desinteressante, seu cargo lhe rendia uma boa quantia mensal e seu corpo atlético e aparência de ser mais novo, o deixava charmoso se comparado a muitos dos seus colegas de trabalho. A diferença era que após o falecimento de sua mãe por razoes naturais o deixou apenas com o foco de ter uma casa própria o que acabou privando seus pensamentos de um suposto relacionamento amoroso durante sua luta. Mas isso não o impedia de fazer sexo ou ter namoricos alheios, o mesmo tinha suas amigas de trabalho e quase sempre frequentava alguns bares com o pessoal do serviço.

Mas naquele momento, ele queria apenas tomar seu banho, comer a comida comprada no restaurante do centro da cidade e descansar na sua nova sala com vista para... o cemitério.

Já passava das duas da manhã quando Ednaldo notou que ainda estava em seu sofá com algumas latas de cerveja abertas no chão. O mesmo pegara no sono após seu jantar improvisado e o vento que vinha da varanda foi o que lhe fez despertar. Ele se levantou agora já mais acordado e foi fechar as portas já que o vento era como aqueles avisando que uma chuva forte viria.

Parando de frente as portas ele olhou para o cemitério que estava bem escuro se comparado com o chão onde as lápides eram iluminadas pela lua que fazia brilhar alguma coisa nas placas de mármores, provavelmente eram os nomes dos falecidos que poderiam estar escritos em prata ou ouro puro, se é que no século 21 algumas delas tenham sobrevivido aos furtos.

Ednaldo ficou ali observando aqueles brilhos vindos do chão como se fossem vagalumes esperando o vento forte passar para enfim levantar voo.

Era até bonito ver o cemitério em sua quietude, o silencio do lugar parecia percorrer muito além de seus muros baixos, pois todo o prédio parecia dormir, e pelo horário, o mesmo também deveria estar dormindo. Ednaldo então fechou as portas fazendo o silencio invadir toda a sala sendo audível apenas um pequeno som vindo do televisor ligado em volume baixo.

Ao erguer o controle remoto para desligar a TV, Ednaldo leu o noticiário na rede de TV 24 horas, dizendo em letras maiúsculas que a epidemia de Dengue aumentara drasticamente na região do Riacho Grande em São Bernardo do Campo, sendo o segundo bairro da cidade a apresentar um alto número de mortes e contágios nas últimas semanas.

Olhando novamente para o "jardim" agora através das portas fechadas, Ednaldo achou irônico admirar um dos maiores cemitérios da cidade quando a mesma estava sofrendo tal epidemia. Voltando-se para o noticiário ele aumentou o volume para saber mais sobre os novos dados que era o assunto do momento nos intervalos em seu emprego, tendo até parentes de funcionários como vítimas.

O repórter que não apresentava nenhum sinal de sono naquele horário, falava de forma pacifica e um tanto incrédula. O mesmo relatava o grande avanço da doença e no número de mortos que crescia de forma inacreditável. O governo estava correndo para conter a epidemia que ainda não tinha seu foco identificado.

— *Foram mais de 300 mortes na última semana apenas no bairro do Riacho Grande na cidade de São Bernardo do Campo, sendo este o segundo bairro da cidade a apresentar a epidemia. O primeiro bairro contando com mais de 800 casos de Dengue e 398 mortes em uma semana, fica a menos de um quilometro do centro da cidade, o que levou ao prefeito pedir quarentena nas próximas 24 horas.*

Ednaldo sentou-se incrédulo ao que ouvia e logo sua mente foi lhe trazendo à tona as pequenas informações daquela semana em que ele fez questão de ignorar tudo ao seu redor pensando apenas em como ficaria sua casa. Realmente os noticiários estavam sendo acompanhados com toda atenção por todos em seu

trabalho, até mesmo as conversas estavam se tornando mais serias em torno do assunto. Mesmo com as inúmeras piadas antigovernamentais e as inúmeras solicitações de calma da Presidenta da Republica, chegou a passar desapercebido por Ednaldo que só pensava em sua nova moradia.

Aquele jornal explicava o motivo de mais cedo ao ir comprar sua comida, enfrentar um transito estranho a caminho do centro e principalmente o número de ambulâncias estacionadas em vários pontos da cidade, seria com certeza para retirar mais infectados.

Estranhamente no prédio não foi visto avisos sobre nada referente a epidemia que assustava a todos nos últimos meses, e como o repórter informou que o primeiro bairro ficava a menos de um quilometro do centro, Ednaldo logo ficou atencioso. Ele estava bem perto ao centro, coisa de um quilometro e pouquíssimos metros de distância, o que poderia indicar ser o bairro mais infectado o seu bairro vizinho.

O reporte então com sua voz sedosa continuou após mostrar uma sequência de imagens feitas durante o dia nas UPAs e UBS da cidade e de todo o Estado. A epidemia da Dengue se alastrou por todo o país, mesmo com tantos pedidos de cautela vindos somente após os primeiros casos, o governo atrasou no quesito pré-atendimento aos possíveis casos. O que se inicia com diarreia e vomito era sempre identificado pelos médicos mal pagos, como virose, o que fez a doença se alastrar tão rápido como piolho em sala de aula no primário. Logo o maior Estado do país estava assumindo o posto de mais infectado do que seus vizinhos.

Ednaldo perdendo seu sono por completo, deixou de lado toda sua canseira pela arrumação da casa e abrindo uma latinha já fria, mas não quente, continuou a escutar o que estava sendo dito pelo repórter que parecia estar com medo de que um mosquito aparecesse em sua frente ou talvez estivesse pensando em sua família que estaria à mercê de um inseto tão feio quanto o mosquito da Dengue.

— O bairro de Las Vegas que faz divisa com a cidade de Santo André é o primeiro bairro a apresentar o maior número de infectados e mortos na cidade de São Bernardo do Campo, região do Grande ABC em São Paulo. Basicamente todos os moradores locais e dos bairros vizinhos deixaram suas casas e imóveis nas últimas horas deste sábado que vem sendo tratado nas redes sociais como o fim do Grande ABC que abrange as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul como as três primeiras cidades das cinco que compõe toda a região. Com o abandono dos moradores, o vandalismo foi inevitável e a polícia com medo da epidemia, abriu mão do patrimônio de quem quer que fosse. O prefeito da cidade está fora e diz que nas próximas horas poderá decretar quarentena utilizando da Forças Armadas para auxiliar na retirada dos moradores restantes deixando apenas os já infectados para tratamento nos centros especializados e "improvisados" pelo governo.

Ednaldo olhou para a TV que mostrava pessoas correndo e entrando em ônibus lotados em algumas ruas e avenidas bem conhecida por ele e ficou achando ser tudo coisa de sua mente. Ele se beliscou e até olhou a data de validade em sua cerveja, mas, a ideia de estar em uma alucinação só piorou ao pensar no porque em pleno sábado as crianças não estavam no playground, os carros continuavam no estacionamento como no meio da semana e também o fato de não ter encontrado ninguém pelo prédio desde que se mudou, nem mesmo um som de abrir e fechar de portas no corredor, algo estava estranho naquele lugar.

Ignorando as imagens das pessoas abandonando suas casas e de vândalos quebrando o patrimônio público, ele foi até as portas de vidro para olhar ao redor, embora a vista fosse apenas para o cemitério, era possível alcançar algumas das janelas de apartamentos em todo o prédio.

Ao abrir as portas o vento forte fez seu uivo ecoar na sala, tudo quieto além do vento, a lua era a luz da noite e fora ela, apenas duas outras eram vistas abaixo. Ambas dos postes no estacionamento. O silencio era algo realmente gritante na mente de Ednaldo que ao olhar até onde sua vista alcançava, ficou parado sem saber o que fazer em plena madrugada de sábado.

Virando-se para o televisor, Ednaldo ficou tonto ao ver as imagens feitas por um helicóptero na região mais afetada da cidade, as filmagens gravadas já ao pôr do sol, mostravam todo o bairro de Las Vegas e ao redor, onde carros pegavam fogo, casas abertas e de tudo um pouco espalhado pelas ruas, fazia um cenário de apocalipse como nos filmes. Mas, a tontura de Ednaldo não se deu ao Caos, mas sim a área verde que era descrita como um dos maiores cemitérios da cidade, sim, aquilo era a sua vista, seu jardim, sua paisagem de sala. O cemitério ao lado, era também o que dividia ele do bairro mais infectado da cidade.

Como pode deixar isso passar desapercebido, Ednaldo acompanhou todos os noticiários nas últimas semanas, sabia do bairro que deu destaque a cidade nos telejornais, seus amigos avisaram sobre parentes e amigos infectados, mas como não soube que o apartamento ficava ao lado, separado apenas pelo cemitério? O cemitério, com todos seus insetos era o seu campo de visão. Os túmulos com brilhos semelhantes aos vagalumes, era também um muro aberto entre ele e a morte? Todos deixaram o bairro devido a epidemia e o mesmo apenas se preocupou em checar se toda sua mudança ficaria pronta para o novo apartamento. Apartamento que ficava bem ao lado do "possível" início das mortes na cidade.

Foi mesmo tão arrogante a ponto de deixar sua vontade de ter uma casa, maior do que a vontade de fugir da cidade como todos fizeram? Sim, Ednaldo estava cego pensando onde colocaria cada móvel, onde colocaria o quadro de Maria Madalena que sua mãe venerava, a cor da parede na sala, as primeiras visitas, as reuniões feitas pelo sindico que ainda iria conhecer, o vizinho da porta ao lado que iria ver talvez pelas manhãs. Tudo isso foi o que sua mente calculava, pensava, mastigava, criava e vitalizava naquela semana.

E agora um programa de TV visto na madrugada em sua nova sala com um vento irritante vindo de fora, avisava que o mesmo estava no olho do furacão?

Ednaldo mais tonto do que sua última vez bêbado, forçou os olhos para ver e entender o que o repórter falava e as imagens mostravam antes de tudo se apagar em sua mente.

— *Nestas imagens feitas no início da noite deste sábado, mostramos mais um corpo sendo retirado do prédio que fica ao lado do cemitério Colina na região mais afetada pela epidemia. O corpo foi encontrado no sofá por vândalos que ao entrarem no prédio, ouviram barulhos de televisão, achando se tratar de alguma criança deixada para trás, eles descobriram o corpo de Ednaldo Santos, morador do local. O prédio havia sido evacuado na última terça-feira ficando isolado devido à proximidade com o bairro de Las Vegas sendo separado apenas pelo cemitério. As informações que chegam, é de que Ednaldo tinha 42 anos e*

havia comprado o apartamento naquela mesma semana, mesmo sendo avisado por todos sobre a epidemia e local onde o prédio estava situado, ele decidiu se mudar para lá. Muitos acreditam que ele já estava infectado quando decidiu se mudar. Sem família próxima, o mesmo ficou sozinho no prédio durante toda a evacuação da região, se tornando assim, mais um dos mortos pela epidemia...

Fim

Os Autores

Biografias

Faby Crystall

Me chamo Fabiane, tenho 36 anos. Sou mãe, batalhadora e amante...das letras!

Sempre gostei de ler e incentivo isso, nas minhas filhas.

Procurando um dia contos de terror, encontrei o Recanto das Letras. Comecei a ler os contos e comentar, até que um dia, meu amigo João Murillo, também escritor do RL, me incentivou a escrever um conto e a partir daí, escrevi muitos outros. Não apenas terror!

Poesias, sentimentos, reflexões, são algumas categorias que gosto bastante de escrever.

Desejo que gostem dos contos, aqui publicados, porque foram escritos com carinho e dedicação para vocês!

Mordidas no coração!

Site: Recanto das Letras

Site: Página no Facebook

Carlos Henrique Fernandes Gomes e Iolanda Pinheiro

Carlos Henrique nasceu e vive em São Paulo, não é formado em nada, é funcionário público do Tribunal de Justiça, budista, vascaíno, roqueiro fissurado em Iron Maiden, ama literatura de terror, policial e poesia, tem medo de gatos e é namorado de

Iolanda Pinheiro, cearense de Fortaleza, formada em Direito, funcionária pública estadual atuando na área de Direito Ambiental, poetisa e contista, desenhista amadora, torcedora do Fortaleza Sporting Club, mãe do Gabriel, adora gatos e cães, não tem religião.

Sites:

Carlos Henrique: Recanto das Letras

Iolanda Pinheiro: Recanto das Letras

Donnefar Skedar

Nascido na cidade de Santo André – São Paulo, Donnefar Skedar (em algumas obras assina como Jay Olce) publica na internet desde 2009, criador do selo Elemental Editoração pelo qual realiza suas publicações. Atualmente o autor possui 11 livros publicados, dos quais 4 são coletâneas, o mesmo ainda possui diversos contos publicados em formato digital dos quais não fazem parte das coletâneas. Seus livros estão disponíveis de forma internacional, alguns títulos receberam traduções para os idiomas, Inglês, Espanhol, Francês e Italiano, como o livro Dirty Vampires – Revelações, que foi lançado em quatro idiomas. Seu mais recente trabalho é o livro "Déjà Vu" publicado em 2016.

Site: Página no Facebook

Larissa Prado

Larissa Prado, 29 anos, formada em História, admiradora inveterada do gênero horror. Escrevo contos com o intuito de apaziguar a mente inquieta, minhas maiores influências literárias são H.P. Lovecraft, Edgar Allan Poe, Bram Stoker, Robert Louis Stevenson, Stephen King entre outras referências no gênero. Leia mais textos da autora no link:

Site: Recanto das Letras

Morphine Epiphany

Cristiane Vieira de Farias, ou Morphine Epiphany. Formada em Produção de Música Eletrônica. Ex-integrante do Coletivo MINQ. Viciada em filmes de terror, Tim Burton, livros, séries de TV e muito rock. Possui textos publicados nas revistas Fluxo, Mais de um, Avessa, Diversifica, Eels e Subversa. Primeiro lugar no Japan Haicai. Participou das antologias 50 tons de vermelho sangue, Contos e crônicas contemporâneas, Poesias contemporâneas II, Perdidamente, Vamos falar de Salvador?, Contos das estrelas. Seu livro de poesias "Distorções" será lançado em 2016.

Site: Recanto das Letras

Jana Nascimento

Jana Nascimento é o pseudônimo de Janaina Lopes, nascida na cidade de Guararema e entusiasta da literatura de horror e dos filmes B. Possui um canal no Youtube onde resenha livros de horror, chamado Cantinho do Horror e um perfil no Wattpad, onde publica contos macabros. Suas obras favoritas são O exorcista e livros de horror infanto-juvenil, como Coraline a série Goosebumps.

Site: Wattpad

Ronaldo Costa

Ronaldo Costa nasceu em Caratinga, interior de Minas Gerais, em 1968. Trabalha na área de Gestão da Qualidade e já publicou e-books nessa área. Hoje publica contos de terror no blog Irmandade dos Vampiros e pretende publicar em livro seu primeiro romance "Cross – A Ascensão de Sophia" brevemente, pois a obra já está disponível em e-book.

Site: Blog

Alfredo Josè Durante

Eu sou Licenciado em Filosofia e História com pós em Magistério Superior. Eu nasci em Curitiba PR, tenho 32 anos, curto escrever por hobby, mas com sonho de publicar um livro sobre contos de terror.

Site: Recanto das Letras

Eric Sales

Eric Sales é doutorando em química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde trabalha na área de química orgânica e cristais líquidos. É casado com Alda MJD, sua companheira desde o ensino médio. Juntos dividem apartamento com um louco gato de estimação chamado Fantasma. Escrever é um dos passatempos de Eric, especialmente histórias de suspense e terror. Em seus enredos busca mesclar a realidade com a fantasia, trazendo elementos da ficção-científica e terror para cenários e personagens brasileiros. Além de contos cheios de mistério, horror e sangue, também publica poemas em sua página pessoal do Recanto das Letras.

Site: Recanto das Letras

Fernando Creed

Fernando Creed é o pseudônimo de um Catarinense formado em Administração de Empresas que reside atualmente na cidade de Gravatal no Sul de Santa Catarina. É uma cidade turística, famosa por suas águas termais. Fã de histórias fantástica começou em 2015 a publicar alguns textos no site Recanto das Letras, participou da 22ª edição do Projeto a Palavra é Arte.

Site: Recanto das Letras

Elemental Editoração © 2016